

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 21
AGOSTO 2016

221

EDITORA
CAMI
clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



O MELHOR TELEVISOR LCD / LED 4K QUE JÁ TESTAMOS

TV SAMSUNG SUHD 88KS9800

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

CABO DE INTERCONEXÃO
QED SIGNATURE 40

RECORD-CLAMP TRUMPET PROJETOS

OPINIÃO

AMACIAMENTO DE CABOS
LPs OU CDs?

MUSICIAN:

SHOSTAKOVICH: UM COMPOSITOR A NÃO
SER ESQUECIDO

TRISTÃO E ISOLDA: O MITO POR EXCELÊNCIA

TIME OUT: A OBRA PRIMA DE DAVE BRUBECK

UMA PERFORMANCE DIGNA DOS PERGAMINHOS MARK LEVINSON

AMPLIFICADOR Nº 585





AS LENDÁRIAS MARCAS DE
AUDIO HIGH END E HOME CINEMA
DE ALTA PERFORMANCE AGORA
MAIS PERTO DE **VOCÊ.**

Conheça o **AV Group**, representante oficial da **Harman Luxury Audio** no Brasil.

Trabalhamos com a distribuição de toda a linha das lendárias marcas **JBL Synthesis**, **Mark Levinson**, **Revel** e **Lexicon**, assegurando sempre todas as garantias do fabricante e suporte técnico especializado.

Entre em contato conosco e conheça toda nossa linha de produtos. Será um prazer atendê-los.

55 12 2285- 0500 • contatoav@avgroup.com.br

 **AV
GROUP**
www.avgroup.com.br

REPRESENTANTE OFICIAL

 **REVEL®**

Lexicon

 **mark
levinson®**

 **JBL** **SYNTHESIS®**

ÍNDICE



AMPLIFICADOR INTEGRADO MARK LEVINSON N° 585

44

E EDITORIAL 4

Quanto os produtos de áudio e vídeo hi-end ainda podem melhorar?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 14

Novidades

DESTAQUE DO MÊS - MUSICIAN 16

Outro aniversário a não ser esquecido

DESTAQUE DO MÊS - MUSICIAN 24

Tristão e Isolda: o mito por excelência

DESTAQUE DO MÊS - MUSICIAN 30

Time Out - Dave Brubeck

OPINIÃO 34

Daqui e dali...



50



56



60

OPINIÃO 38

Um assunto para muitas discussões

TESTES DE ÁUDIO

44
Amplificador integrado
Mark Levinson N° 585

50
Cabo de interconexão
QED Signature 40

56
Record-Clamp
Trumpet Projetos

TESTES DE VÍDEO

60
TV Samsung SUHD 88KS9800

ESPAÇO ABERTO 66

Genética ou coincidência?



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

QUANTO OS PRODUTOS DE ÁUDIO E VÍDEO HI-END AINDA PODEM MELHORAR?

Pergunta que, nos últimos tempos, tornou-se muito recorrente. Tanto dos leitores que nos consultam quanto dos amigos que frequentam minha casa e escutam os upgrades realizados em nossa sala de referência. Eu mesmo tenho me feito essa pergunta, tamanha a quantidade de produtos superlativos que chegam para teste nos últimos anos. Trata-se de uma evolução tão consistente que nos causa uma mistura de encantamento e frustração, pois se continuar neste ritmo, todo o investimento de anos em nossos sistemas serão obsoletos muito em breve. Não estou exagerando amigo leitor, é uma realidade que constato a cada mês! Na primeira década de existência dessa publicação, produtos superlativos apareciam a cada ano. Agora eles se multiplicaram e praticamente estão presentes em quase todas as edições. Vamos dar alguns exemplos: minha TV Panasonic de Plasma foi nos últimos seis anos minha referência em imagem. E ela se manteve no posto, pelo simples fato de todas as tecnologias que desbancaram a Plasma não tinham o preto que me convencesse de que chegara a hora de um upgrade. Ainda que visse constantes avanços na melhora desse quesito, eles não eram contundentes! Porém foi testar a primeira OLED Full HD e perceber que a hora do upgrade havia chegado. Pois bem, meses depois testamos uma LED SUHD 4K e a ideia da OLED Full HD foi adiada. Três meses depois da LCD 4K, testamos a nova OLED 4K, mostrando que se tivesse optado pela OLED Full HD teríamos apostado errado. E, quando achávamos que faríamos o upgrade seguro na OLED 4K, nos chega para teste nessa edição a LCD SUHD 4K HDR 1000, para adiar mais uma vez a escolha da TV que irá substituir nossa velha Plasma, que ficou muito para trás com todos esses avanços tecnológicos, mas que pela velocidade com que esse mercado de produtos de vídeo hi-end se locomove, tornou-se prudente aguardar mais um pouco. Afinal temos que ter como referência de

imagem aquela que conseguir a melhor pontuação na nossa metodologia. De positivo é que a briga pelo topo do pódio de imagem nos próximos meses será muito acirrada, pois Samsung, LG, Sony e Panasonic estão concorrendo de forma muito competente e cada uma dessas empresas possuem enorme poder de fogo para brigar por esse posto. E, para o consumidor, nada melhor do que um mercado que busca incessantemente aprimorar seu padrão de qualidade. No segmento de áudio Estado da Arte, a briga é muito semelhante com os amplificadores integrados top. São, no mínimo, uma dezena de marcas que a cada ano se esmeram em conquistar os audiófilos mais experientes e convencê-los que já é possível trocar os caros sistemas modulares por um integrado que também tem um DAC de altíssima performance. Nas últimas doze edições passaram oito excelentes integrados, todos com pontuação acima de 90 pontos em nossa metodologia. E, nesta edição, testamos o impressionante integrado da Mark Levinson, o N° 585, considerado pelo próprio fabricante como seu melhor integrado de todos os tempos! Mas, esta edição também tem dois outros testes muito interessantes: o cabo RCA Signature 40, da empresa inglesa QED, também um Estado da Arte por menos de 1500 reais, e o teste de dois record-clamps da empresa nacional Trumpet Projetos, que atendem de forma magistral a todos que reconhecem a importância desse acessório na performance de seus toca discos. Digo sempre internamente, em nossas reuniões de pauta, para irmos nos acostumando com as surpresas que ocorrem a cada nova edição. Estendo a vocês leitores essa observação, pois vivemos um período auspicioso de evoluções tecnológicas e de um acirramento de concorrência de mercado inexistente em qualquer outro período do segmento hi-end de áudio e vídeo. Então é hora de desfrutar desse momento tão profícuo e emocionante! ■

dCS Rossini Player

Qualquer fonte digital transformada em Ultra High-End



"Uma performance que permite que o ouvinte fique profundamente envolvido com a música, conectada mais diretamente ao coração e alma com pouco ou nenhum esforço. O Rossini se destaca na criação de um senso de realismo musical que é muito mais perto de onde eu gostaria de reprodução de áudio digital fosse."

Chris Binns - HiFi Critic abril-junho de 2016

- Processamento Digital dCS de última geração.
- dCS Ring DAC, como no carro-chefe dCS Vivaldi.
- Entradas digitais UPnP, USB assíncrona, AirPlay da Apple, AES, dupla AES e S / PDIF.
 - Serviços de streaming incluem TIDAL, Spotify Connect e Deezer.
 - Transporte de CD de alta qualidade.
- DXD oversampling multi-estágio com upsampling DSD; filtros DSP e DSD selecionáveis pelo usuário.
 - Auto-clocking melhora a facilidade de uso e minimiza o jitter.
- Firmware atualizável para futuras atualizações de funcionalidade e desempenho.



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

dCS
ONLY THE MUSIC



TV OLED DA LG TRAZ A AURORA BOREAL PARA A ISLÂNDIA



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7WOTUPRJQDQ](https://www.youtube.com/watch?v=7WOTUPRJQDQ)

A campanha da LG *Lights Out, Stars On* realizada em Reykjavik, na Islândia, em 20 de julho, trouxe a exclusiva tecnologia de TV da marca em grande estilo com a apresentação de três músicos nacionais populares - Ásgeir, GusGus e Ólafur Arnalds. O show teve como tema a tecnologia OLED e, como palco, o premiado Harpa Concert Hall. Criada para levar a Aurora Boreal da Islândia aos consumidores globais utilizando as TVs OLED 4K da LG, a campanha de Reykjavik gerou mais de 12 milhões de visualizações e teve a participação on-line de mais de 360.000 consumidores e fãs.

O show *Lights Out, Stars On* começou após uma breve introdução do poeta e romancista islandês Andri Magnason e do YouTuber Lewis Hilsenteger, do canal Unbox Therapy. Ásgeir, GusGus e Ólafur

Arnalds subiram ao palco um a um, apresentando-se ao lado de telas OLED que mostravam a beleza das luzes do norte da Islândia. As imagens e vídeo mostrados em 40 TVs OLED 4K (mais de 330 milhões de pixels) por trás dos músicos reforçaram o ambiente singular do Harpa Concert Hall e proporcionaram uma experiência inesquecível aos mais de mil convidados que estavam na plateia.

Inaugurada em 20 de novembro, a mostra Galeria OLED usa TVs OLED G6 da LG para expor belas fotografias em 4K clicadas por fotógrafos islandeses de renome. Oferecendo imagens OLED de altíssima nitidez das Luzes do Norte, animais nativos, geleiras, geografias e outros pontos altos da Islândia, a mostra se mostrou uma atração popular desde que foi aberta ao público. ►



A campanha foi inspirada em um evento ocorrido em Reykjavik, há uma década. Durante a temporada de visualização da Aurora Boreal de 2006, o poeta e romancista islandês Andri Magnason sugeriu que a cidade de Reykjavik se unisse para tornar a beleza do céu noturno visível da cidade pela primeira vez. Magnason queria que a população de Reykjavik visse as Luzes do Norte e as estrelas em um fundo completamente preto. Da mesma forma que a eliminação da interferência das luzes permitiu que a população de Reykjavik visse as luzes em todo seu potencial, o fundo totalmente negro das TVs OLED aumenta o contraste e entrega imagens mais ricas. As TVs OLED da LG têm pixels iluminados individualmente, tornando desnecessário o uso das luzes de fundo LED. Sem essas luzes, que distorcem as imagens, as TVs OLED conseguem mostrar imagens com pretos perfeitos, ao lado de cores brilhantes e realistas.

Para fazer de *Lights Out, Stars On* um evento verdadeiramente global, a LG distribuiu ingressos pelo Facebook, como parte de um pacote de viagem para Reykjavik com todas as despesas pagas. O concurso teve a participação de 4.000 fãs de vários países, como EUA, Índia, França, Alemanha, Suécia e Emirados Árabes Unidos, dos quais oito foram selecionados. Além disso, o vídeo da campanha tinha sido visto por 12 milhões de pessoas até 15 de julho e foi um dos dez vídeos virais mais vistos do ranking semanal da Advertising Age no início de julho.

“Estamos muito felizes que nosso evento na Islândia tenha sido tão bem-sucedido e atraído tantos visitantes e influenciadores”, diz Brian Kwon, presidente e CEO da LG Home Entertainment Company. “Nossa inovação em tecnologia de TV nos permitiu lançar as primeiras TVs OLED de 55 polegadas do mundo em 2013. Nossa liderança está ajudando a abrir um novo caminho para a OLED e a expectativa é que as vendas dobrem anualmente até 2020. *Lights Out, Stars On* é um exemplo de como abordagens desse porte podem ajudar a companhia a atingir novos públicos e a comunicar claramente as vantagens da OLED.” ■

Para mais informações:

LG Eletronics

www.lg.com/br

4004 5400 (Capitais e regiões metropolitanas)

0800 707 5454 (Demais localidades)

Record-Clamp

Trumpet Projetos

A música na sua essência!

SEU USO ESTABILIZA O DISCO
SOBRE O PRATO, PRIVILEGIANDO
DINÂMICA E ÓTIMA AUDIÇÃO.



www.wcjdsgn.com

A TRUMPET PROJETOS TAMBÉM
MANUFATURA CRATE RECORD'S,
PARA A ACOMODAÇÃO PERFEITA
DA SUA PRECIOSA COLEÇÃO
DE VINIL. E UMA VARIEDADE DE
TOCA-DISCOS ARTESANAIS.

VENDA DIRETA COM O FABRICANTE

WWW.TRUMPETPROJETOS.COM.BR

TRUMPETPROJETOS@YAHOO.COM.BR

(11) 94076.1601

SONY REFORÇA CANAL BE SONY COMO ESTRATÉGIA DE MERCADO



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MZLJZAYLQ44](https://www.youtube.com/watch?v=MZLJZAYLQ44)

Com foco no mercado de luxo empresa reforça parcerias essenciais para o seu negócio.

Em evento realizado no início de agosto, a Sony reforçou a parceria com importantes nomes na área de especialistas em áudio, vídeo e automação residencial, o Be Sony, que significa Sony Best Experience. Participam deste projeto lojas especializadas nestas soluções, além de arquitetura e decoração, que buscam inovações em tecnologia de ponta para seus projetos, aliado a um atendimento exclusivo e diferenciado.

Segundo Lúcio Pereira, gerente de desenvolvimento de novos negócios da Sony Brasil, há um potencial inexplorado de atuação neste nicho, que atendem consumidores muito exigentes, que buscam o que

há de mais inovador em equipamentos eletrônicos. “Por meio de diversas pesquisas, notamos que a Sony é a marca mais recomendada dentro deste canal, que tem a qualidade e confiança como as variáveis mais importantes para a decisão de compra em projetos mais complexos”, diz. ■

Para mais informações:

Sony
www.sony.com.br/electronics/besony
4003.SONY (7669)

VÊM DA ESCANDINÁVIA OS NOVOS PRODUTOS QUE IRÃO LEVAR SEU SISTEMA DE ÁUDIO HIGH END A UM NOVO PATAMAR DE QUALIDADE E FIDELIDADE.



Aavik
ACOUSTICS

A Aavik Acoustics, marca da dinamarquesa Raidho – fabricante de caixas acústicas de incrível desempenho que já fazem parte da linha de produtos comercializados pela Som Maior – produz também amplificadores de altíssimo nível, com performance excepcional, além de uma fabricação e acabamento impecáveis.

O amplificador integrado U-300 é um trabalho de Michael Borresen junto com alguns dos melhores projetistas de áudio analógico e digital de todo o mundo. É a síntese das melhores características presentes tanto no áudio analógico quanto no digital.



A Ansuz Acoustics, assim como a Aavik, é uma marca da Raidho, que produz com o mesmo esmero cabos, distribuidores de energia, filtros de linha e controladores de ressonância que primam pela performance unida à qualidade de materiais e acabamentos. Com a Ansuz, os audiófilos e amantes brasileiros da música passam a contar com essa extraordinária opção.

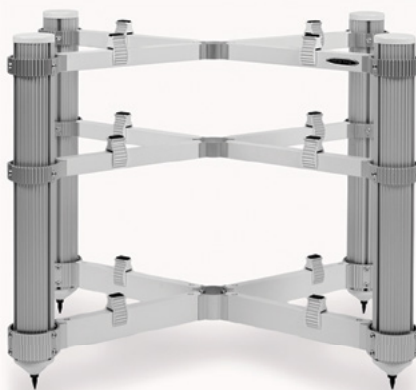
Seus produtos têm como proposta preservar com total transparência e fidelidade todos os mínimos detalhes contidos nas fontes de sinal de um sistema de áudio hi-fi.



ansuz
ACOUSTICS



SOLID TECH



A Solid-Tech é uma empresa sueca especializada em soluções de controle e eliminação de ressonâncias e vibrações com origem em todos os tipos de equipamentos de áudio, transmitidas de um equipamento para o outro ou através do piso e do próprio ar.

Sua linha de produtos contribui para a obtenção de um som extremamente fiel e reproduzido contra um pano de fundo de silêncio absoluto. Essa linha é formada pelos racks das séries Rack of Silence, Hybrid e Radius Solo e dos pés de apoio Feet of Silence, IsoClear e Discs of Silence.

Com essa nova gama de marcas e soluções de altíssima qualidade, a Som Maior reafirma seu compromisso, reconhecido pelos audiófilos de todo o Brasil, de oferecer as melhores marcas mundiais para você ter sempre a melhor experiência em áudio, vídeo e automação high end.

Converse com a Som Maior e saiba onde conferir essas novidades.



som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472-2666 | sommaior.com.br

AVGROUP - O NOVO DISTRIBUIDOR HARMAN LUXURY BRANDS PARA O BRASIL



Dizem que nas grandes crises se oferecem grandes oportunidades. E, de fato, estar no momento certo no lugar certo, faz toda a diferença. Filipe Rodrigues Ribeiro, CEO da AV Group possui um extenso curriculum no segmento de áudio, vídeo e automação. Passou por importantes empresas do segmento como Oguri Áudio e Vídeo, Click Casa, Creston do Brasil, Taag e, em 2010, fundou a Futura Domotics. Em meados de 2015, no limiar da crise político-econômica, a Futura Domotics se fundiu com a Live Automação de Belo Horizonte e junto com mais algumas empresas do segmento se reuniram para tratar de interesses comuns, como a construção de um lineup de trabalho único que permitisse a esse grupo ter relação direta com os fabricantes, conseguindo melhores acordos comerciais.

A ideia era buscar marcas ainda não representadas no Brasil que pudessem fornecer diretamente para esse grupo de integradores.

Uma das marcas que mais possuíam o perfil procurado era a Harman Luxury Brands, com a qual Filipe tinha grande afinidade e que tinha acabado de encerrar sua antiga parceria com a Syncrotape.

Após os contatos preliminares bem sucedidos, foi negociado diretamente com a Harman um acordo de exclusividade das marcas: Mark Levinson, Lexicon, Revel e JBL (linha K2 e Everest), para o Brasil e o Paraguai (para evitar que o país vizinho abasteça o mercado paralelo como tem feito com outras marcas hi-end presentes no Brasil). Porém a Harman impôs a condição de que a operação fosse realizada através de uma distribuidora e não um grupo de revendedores como havia sido planejado inicialmente.

O acordo foi, então, fechado com a AV Group. A nova distribuidora de produtos hi-end já nasce com 20 revendas e um estoque de todos os produtos das marcas que irá distribuir. Acreditamos que esse plano de negócios, que é um híbrido de importador e revendas coligadas, seja muito mais que apenas uma solução criativa. Pode estar nascendo uma nova maneira de importar e distribuir produtos hi-end no Brasil!

Para mais informações:
AV Group
www.avgroup.com.br
(12) 2285.0500

PREPARADO PARA QUALQUER CONFIGURAÇÃO.

Descubra o upgrade que a
linha Signature 40 pode fazer
no seu sistema de áudio.



www.maisondelamusique.com.br
+55 11 2117.7005



THE SOUND OF SCIENCE SINCE 1973

Viva experiências extraordinárias através de uma TV Samsung SUHD com tela de Pontos Quânticos

Imagens tão vivas como na vida real. Um bilhão de cores!



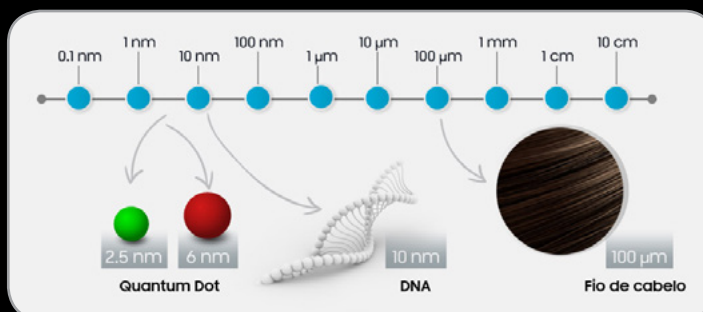
TV SAMSUNG SUHD KS9000

Líder mundial no segmento de TV, por 10 anos consecutivos, resultado por estarmos sempre à frente no desenvolvimento de novas tecnologias. Ampliando a experiência de assistir e interagir com a TV, apresentamos a TV Samsung SUHD 4K com a revolucionária tela de Pontos Quânticos.

O que são pontos quânticos?

Os Pontos Quânticos são partículas nano métricas (menores que o DNA humano) que substituem os tradicionais filtros de cores, permitindo que os cristais vermelhos e verdes em contato com LED azul da TV produzam diferentes cores com uma precisão jamais vista em nenhuma outra tecnologia.

A qualidade de imagem depende da pureza das cores. Uma TV de LED convencional utiliza de fundo LED na cor branca para a combinação de vermelho, verde e azul (RGB). Resultado: nessa tecnologia o branco nunca é puro. A TV Samsung SUHD com Pontos Quânticos substitui o LED branco da tecnologia convencional, pelo LED azul, e ao entrar em contato com os cristais vermelhos e verdes proporciona um branco muito mais puro. Combinado com o painel de 10 bits permite 64 vezes mais cores do que uma TV de LED comum, resultando em até um bilhão de cores de extrema fidelidade nas suas imagens. É ver as cores tão vivas como na vida real.



Descubra como a tecnologia de Pontos Quânticos funciona:

www.samsung.com.br/suhd

HDR 1000: o mesmo padrão de qualidade dos cinemas em brilho e contraste.

Ver o mundo como ele é na sua tela de TV necessita uma enorme gama de tons e cores de altíssima precisão e pureza. Mas para essa imagem ser verossímil ela necessita captar todos os detalhes, desde as mais sutis sombras escuras ao nascer do sol.

HDR significa High Dynamic Range e sua função é aumentar a gama de níveis de luminância de modo a obter os brancos e os negros mais negros. A tecnologia HDR1000, presente na TV Samsung SUHD, oferece um brilho máximo de até 1000 nits, brilho até 10 vezes maior do que uma TV LED comum, resultando em uma qualidade soberba de detalhes. Com o HDR1000 o nível de brilho e contraste foi elevado para patamares nunca vistos antes, possibilitando o mesmo padrão de brilho utilizado pelos estúdios de cinema em Hollywood. Você não perde nenhum detalhe das imagens, tanto em cenas escuras como muito claras.



Design

Utilizando o conceito de Design 360°, as TVs Samsung SUHD foram desenhadas para serem vistas e apreciadas por todos os ângulos. Elas possuem traços minimalistas e tem a mesma espessura de um Galaxy S7, além das bordas infinitas e acabamento luxuoso.

Para completar, a TV Samsung SUHD possui o One Connect, onde reúne todas as conexões dos aparelhos eletrônicos ligados à TV, não deixando fios expostos.



ONE CONNECT

Controle Remoto único

A TV ainda reconhece todos os aparelhos conectados à ela e nomeia-os tornando muito mais fácil localizar essas conexões, além da inovação de um controle remoto único, que possibilita controlar todos os aparelhos conectados à TV usando somente o controle remoto da TV SUHD.



ONE CONTROL

Vida útil três vezes maior do que uma TV OLED

As TVs Samsung SUHD tem vida útil até 3 vezes maior do que das TVs OLED. Na tecnologia OLED cada pixel emite luz e por esse fator a queima ocorre com maior rapidez. A SUHD, combinada com a tecnologia HDR1000 e da tela de Pontos Quânticos, emite um brilho muito maior com a mesma eficiência de consumo de energia.



HI-END PELO MUNDO



ELIMINADOR DE ESTATICA DA FURUTECH

A conhecida fabricante japonesa de cabos e acessórios para áudio Furutech está lançando mais um acessório intrigante para quem tem toca-discos de vinil: o SK-Filter, um eliminador de estática de LPs, que funciona em tempo real durante a audição do disco, acoplado ao toca-discos. Devido ao giro e a fricção, um LP junta um bocado de eletricidade estática, gerando ruídos durante a audição e comprometendo a qualidade de som. O SK-Filter descarrega essa energia através de uma escova suspensa com cerdas finíssimas de acrílico quimicamente tratadas com sulfureto de cobre. O preço do SK-Filter é de £350, no Reino Unido. ■

www.furutech.com

CAIXAS AVID REFERENCE 4

A empresa inglesa AVID HiFi, mais conhecida por sua linha de belos toca-discos de vinil, além de produzir também amplificadores e cabos, faz também caixas acústicas, como as belas caixas tipo bookshelf Reference 4, com gabinete todo amortecido feito principalmente de alumínio, desenvolvido para lidar com as vibrações criadas pelos alto-falantes, dando uma sonoridade mais pura, livre de colorações. As Reference 4 vêm com um mid-woofer de 6 polegadas e um tweeter de domo de tecido de 28mm, ambos usando bobinas de titânio e montados em um gabinete dutado, garantindo uma resposta de frequência de 40Hz a 22kHz. O preço das Reference 4 ainda não foi anunciado. ■

www.avidhifi.com



TOCA-DISCOS CLEARAUDIO INNOVATION BASIC

Novo modelo de entrada da linha intermediária Innovation, o belamente construído Basic, da alemã especialista em toca-discos, a Clearaudio, traz na composição da base um sanduíche feito de uma madeira à prova de balas chamada Panzerholz e alumínio, usando um motor DC de alto torque com rolamento de cerâmica e sensor ótico infra-vermelho para controle de velocidade. O Innovation Basic pode vir equipado com até dois braços distintos, e vem em dois acabamentos: madeira (£3400) e preto (£3550), no Reino Unido. ■

www.clearaudio.de





BASES PARA TOCA-DISCOS DA SILVIO LAB

A empresa chinesa de Hong Kong, HK-68, está fazendo bases de madeira sólida com variados e especiais acabamentos e cores, com a marca Silvio Lab, para toca-discos vintage da linha Thorens, como o TD-124, e para o Garrard 301, entre outros clássicos, usando madeiras nobres de alta-densidade como maple - que é usada em instrumentos musicais - jacarandá e mogno. Os preços das bases são sob consulta. ■

www.hk-68.com

CÁPSULA ETSURO URUSHI

Empresa japonesa localizada em Yokohama, a Etsuro anunciou o lançamento de seu primeiro produto: a cápsula Urushi, um design MC (Moving Coil) que usa um diamante especialmente desenvolvido com uma superfície de contato com o sulco de apenas 80µ, com perfil Super Micro Line, além do cantilever extremamente rígido de safira e do corpo de duralumínio (AL7505). O lançamento oficial da cápsula Urushi está prometido para 2017, no Japão. ■

www.etsurojapan.com



ABRAXAS DO SANTANA EM SACD HÍBRIDO DA MFSL

O selo Mobile Fidelity Sound Labs, famoso por suas transcrições especiais audiófilas direto da fita master de discos conhecidos, está lançando em SACD o disco Abraxas do guitarrista e compositor Carlos Santana. Originalmente de setembro de 1970, Abraxas foi retransferido a partir das fitas master originais analógicas de duas pistas, usando um deck de rolo Studer A80 modificado por Tim de Paravicini da EAR, com resposta de frequência de 5Hz a 50kHz, direto para os conversores DSD, respeitando as anotações do produtor original da gravação, Fred Catero. O disco poderá ser encontrado nas principais lojas de discos. ■

www.mofi.com



Outro Aniversário A Não Ser Esquecido



Dmitri Shostakovich (1906–1975)

► Stephen Metcalfe

Em meio a todas as celebrações, concertos e CDs “tributo” neste ano do jubileu de 250 anos em comemoração ao nascimento de W. A. Mozart, é fácil não dar atenção a outro aniversário de enorme importância, o centenário do nascimento do compositor russo Dmitri Shostakovich (25 de Setembro de 1906, em S. Petersburgo). Hoje as prateleiras das principais lojas de gravações e CDs do mundo e a programação das salas de concerto mais conceituadas do mundo são

testemunhas do fato de que Shostakovich tornou-se, ao longo das últimas décadas, um dos compositores mais significativos e populares de nosso tempo. De fato, é amplamente aceito que ele foi o único sinfonista maior do século 20, e que seu ciclo de quartetos de cordas (junto com os de Bela Bartok) constitui a série mais significativa desde os de L. van Beethoven. Embora um compositor firmemente enraizado na tradição russa (que inclui, por exemplo, Tchaikovsky, Mussorgsky, Glazunov e Rimsky-

Korsakov), ele também abraçou a vanguarda, experimentou com novos aparelhos musicais e sua música contém uma universalidade e urgência que parece, hoje, falar mais diretamente às pessoas que praticamente qualquer outro compositor.

Também fascinante é o contexto biográfico e histórico em que a música de Shostakovich foi criada. Muito já foi escrito, discutido e debatido sobre as condições existenciais sob as quais Shostakovich compôs



◀ seus trabalhos: de um lado representando seu papel “público” de compositor soviético oficial de alto nível, reconhecido internacionalmente e, de outro, o “verdadeiro” Shostakovich, onde muito de sua grande música é, de fato, considerada como um protesto dissimulado, um símbolo de apoio moral e um tributo a todos aqueles oprimidos e perseguidos pela repressão brutal do regime de Joseph Stalin. De tal ambigüidade de papéis nasceu uma vasta produção musical com qualidade variada – indo do grandemente sublime, profundo e genial até obras aparentemente triviais e banais – e em todas as suas formas tradicionais: sinfonias, concertos, quartetos de cordas, trabalhos de câmara, piano, óperas, balé e vocais, e também os “novos” gêneros, como as jazz-suites e música para cinema.

Felizmente, o catálogo de gravações atingiu agora o ponto onde há uma abundância de excelentes gravações de primeira qualidade, abrangendo basicamente toda a obra de Dmitri Shostakovich. Assim, em comemoração ao Centenário de Shostakovich, pensamos que seria apropriado oferecer aos nossos leitores um breve sumário de suas principais obras, de gravações recomendadas e, também, de realçar algumas gravações especiais de aniversário ou reedições lançadas neste ano, junto com um pequeno panorama de fundo relativo às principais fases criativas de sua vida.

1. SUCESSO INICIAL, RECONHECIMENTO INTERNACIONAL E O PRIMEIRO “ESCÂNDALO”

A Leningrado* de 1925 era um excitante centro de vida musical internacional, muito aberto a

influências da avant-garde e ocidentais, e a música de Bartok, Berg, Hindemith, Schoenberg e Stravinsky podia toda ela ser ouvida.

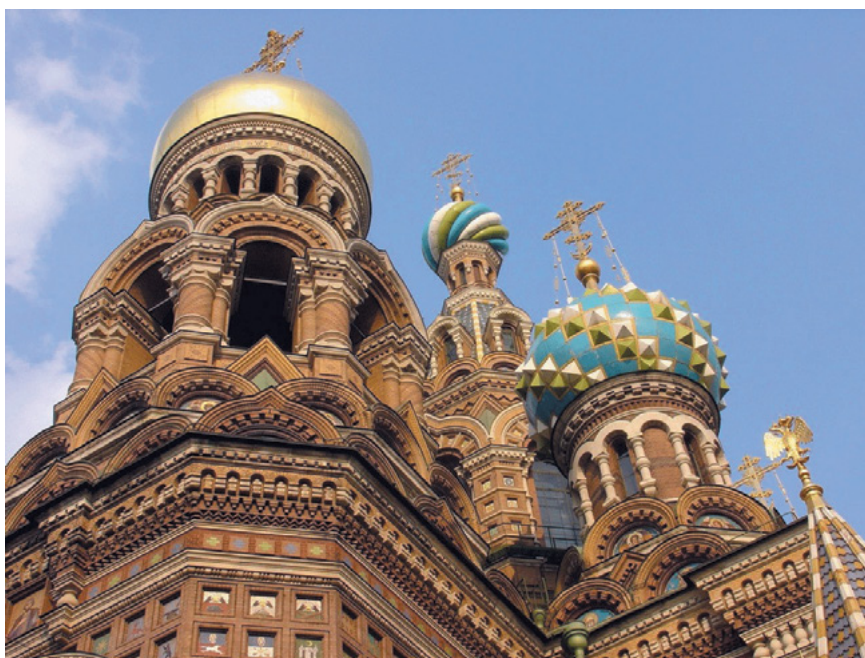
Nesta época, como trabalho de formatura no Conservatório de Leningrado, o Shostakovich de 19 anos de idade compôs sua popular Primeira Sinfonia (op.10). Esta sinfonia logo lhe traria fama mundial e seria tocada em toda a Europa, Américas do Norte e do sul, e grandes maestros da época, como Arturo Toscanini, logo a incluiriam em seus programas. Um bom relato desta sinfonia, um trabalho original, fresco e vivaz, é feito por Sir Simon Rattle com a Berlin Philharmonic Orchestra (junto com a 14ª sinfonia) em (EMI 0946-3580772-1, Rattle, Berlin Philharmonic).

Estes primeiros anos viram a composição de trabalhos em uma variedade de formas, tais como algumas suítes de jazz e balé; o primeiro concerto para piano, trompete e cordas, a sonata para cello e as menos impressionantes segunda e

terceira sinfonias. Mas seria somente em 1934 que ele alcançaria seu próximo grande sucesso internacional; sua reveladora ópera “Lady Macbeth of Mtsensk” foi um grande triunfo no Bolshoi, e foi muito executada no exterior. Só em Leningrado havia nada menos que 83 apresentações “esgotadas” até que, em Janeiro de 1936, Joseph Stalin, furioso com o que estava ouvindo, retirou-se no meio da apresentação no Bolshoi (desnecessário dizer que naquela época o clima político, social e artístico na Rússia estava mudando rapidamente).

1.1. “CAOS EM VEZ DE MÚSICA!”

Imediatamente o “Pravda” (o jornal oficial do Partido) publicou um artigo atacando a ópera, denunciando suas tendências “formalistas” e “contra-revolucionárias”; consequentemente, “Lady Macbeth” teve sua execução proibida nas salas de ópera soviéticas por quase 30 anos. A crítica também foi confirmada em um manifesto pela “União dos Compositores Soviéticos”, mas



* o nome São Petersburgo já tinha sido mudado

◀ Shostakovich não tinha dúvidas de que Stalin estava diretamente por trás do ataque ameaçador (e que provavelmente ele próprio teria escrito o artigo). Sem considerar a humilhação pública (todo garoto russo em idade escolar foi ensinado a entender do que se tratava: “caos em vez de Música!”), e tendo sido essencialmente declarado um “inimigo do povo”, Shostakovich entrou em grave crise criativa temendo, também, seriamente por sua vida. Stalin obviamente havia “lido as entrelinhas”, e interpretado a mensagem da ópera em que Shostakovich, ao retratar a opressão insuportável da heroína “Katerina Ismailova” dentro do contexto da sociedade russa, esta na realidade retratando a situação social, a repressão, a violência e o crescente isolamento dos artistas russos na Rússia soviética da época.

A despeito desta “tragédia” da vida real de “Lady Macbeth”, esta ópera (baseada no romance do escritor russo N. Leskov de 1865) é uma obra de grande gênio, escrita em uma linguagem musical ao mesmo tempo dissonante e ricamente calorosa e romântica, já hoje se estabeleceu como uma das maiores e mais originais obras-primas operísticas do século 20.

Em 1978 a versão original da ópera “Lady Macbeth of Mtsensk” finalmente adquiriu seu merecido lugar na posteridade gravada com o maravilhoso relato da EMI com o grande cellista russo Mstislav Rostropovich, agora como maestro, e grandes cantores tais como Galina Vishnevskaya e Nikolai Gedda liderando o cast (EMI 7499552-8: Rostropovich, LPO, Ambrosian Ópera Chorus, Vishnevskaya, Gedda...).

Outra gravação moderna boa e completamente satisfatória da ópera é a de Myung-Whung Chung com a Paris-Bastille Ópera (DG 437511-2: Myung-Whung Chung, Paris Bastille Ópera and Chorus, Ewing, Langridge, Moll...).

2. SHOSTAKOVICH, O SINFONISTA

Escritas antes de “Lady Macbeth”, a segunda e terceira sinfonias (ambas com acompanhamento de coro), comemorando a Revolução de Outubro e o Primeiro de Maio, e muito no estilo do “novo realismo socialista”, foram ignoradas pelo ocidente, e permanecem como composições um tanto obscuras. É com a composição da Sinfonia No.4 (op.43), completada na mesma época da crise “Lady Macbeth” em 1936, que somos confrontados com a primeira obra-prima sinfônica real de Shostakovich. Nessa época Shostakovich, sofrendo sob uma terrível pressão existencial (após o ataque do “Pravda”), estava muito temeroso pelo destino desta sinfonia – sem mencionar seu próprio destino pessoal – o que o levou a retirá-la dos ensaios, motivo pelo qual não teve sua primeira apresentação senão em 1961 (sob Kirill Kondrashin). Hoje, entretanto, este trabalho estabeleceu-se totalmente como uma das maiores sinfonias do século 20, com alguma experimentação e nova linguagem, mas também com muito do Shostakovich “maduro”, tendo ele claramente atingido seu “universo sonoro” característico.

Existem hoje excelentes gravações desta sinfonia, como as feitas sob as batutas de Mariss Jansons, Vladimir Ashkenazy ou Simon Rattle: (EMI 5 578242-7: Jansons, Bavarian Radio Sinfonia), (Decca 425693-2: Ashkenazy, Royal Philharmonic) and (EMI

CDC5 55476-2: Rattle, City of Birmingham Sinfonia).

2.1. “A RESPOSTA DE UM ARTISTA SOVIÉTICO À CRÍTICA JUSTA”

Provavelmente a sinfonia mais popular e mais acessível de todas as sinfonias de Shostakovich seja a Sinfonia No.5 (op.47), composta em 1937 como sua resposta às críticas que tinha recebido após “Lady Macbeth”. Esta sinfonia, estreada pelo lendário Evgeny Mravinsky, foi um enorme sucesso – tanto de público quanto de “Partido” – e ajudou, ao menos temporariamente, na sua reabilitação dentro da vida musical soviética e na sociedade em geral, de fato aumentando seu status consideravelmente. Um trabalho mais homogêneo que a quarta sinfonia, ela também é escrita em uma linguagem mais conservadora, romântica e menos dissonante. Não obstante, mesmo neste trabalho Shostakovich estava sendo “fiel a si mesmo”, e várias interpretações têm sido feitas sobre algumas das mensagens que ela contém.

Um dos mais belos relatos deste trabalho é dado sob a batuta de Vladimir Ashkenazy com a Royal Philharmonic (Decca 421120-2: Ashkenazy, Royal Philharmonic). Outra versão altamente recomendada é a de Mravinsky com a Leningrad Philharmonic (Erato/Warner 229245752-2: Mravinsky, Leningrad Philharmonic).

A subsequente sexta sinfonia (escrita em 1939) é um tanto diferente daquelas ao seu redor – sendo menos programática e de natureza mais abstrata – e não seríamos confrontados com sua próxima obra-prima sinfônica de expressão senão até a composição da Sinfonia No.7. ▶▶

◀ 2.2. SINFONIAS DO TEMPO DA GUERRA Nos.7, 8 & 9

A Sinfonia No.7, a “Sinfonia de Leningrado”, foi criada entre 1941 e 1942, durante o cerco a Leningrado. Shostakovich teve que compor esta obra sob condições incrivelmente duras, incluindo bombardeios constantes, tendo eventualmente concordado em ser evacuado para Moscou (e depois para Kuibyshev), para poder terminar a obra. Logo após a estréia (1942) da Sinfonia No.7 na União Soviética, um microfilme da partitura voou para fora da Rússia, para que pudesse ser apresentada no ocidente. Assim, foi apresentada nos Estados Unidos em 19 de Julho de 1942, sob a regência de Arturo Toscanini com a NBC Symphony Orchestra. Logo esta sinfonia foi apresentada e retransmitida através do mundo pelos maiores maestros e orquestras do mundo, atingindo rapidamente fama mundial. A composição dessa sinfonia tornou-se um evento de significado global, supostamente simbolizando a “resistência do povo russo contra o agressor nazista”, e o retrato de Shostakovich apareceu até na capa da “Time Magazine” naquele ano. A Sinfonia No.7 é um trabalho de enormes dimensões e grande poder, mas é também uma obra com calor e romântica, algo remanescente de Gustav Mahler. Uma das mais pungentes versões desta sinfonia é dada por Bernard Haitink com a London Philharmonic (Decca 425068-2: Haitink, London Philharmonic). Outra versão impressionante é a dada pelo maestro russo Valery Gergiev, que empregou uma “orquestra dupla”: as forças combinadas

de ambas suas orquestras, a Kirov (Mariinsky) Orchestra e a Rotterdam Philharmonic (Philips 470845-2: Gergiev, Kirov (Mariinsky) Orchestra, Rotterdam Philharmonic).

A essa altura Shostakovich estava plenamente re-estabelecido como o principal “modelo” de compositor soviético, e embora conformado “na aparência”, havia de fato muito a ser ouvido “oculto, por trás das notas”.

2.2.1. “OS EVENTOS DO SÉCULO 20, OS TRAUMAS POLÍTICOS TRADUZIDOS EM MÚSICA”

Embora a guerra tenha causado muito sofrimento, para muitos na União Soviética os anos anteriores a ela (os expurgos de Stalin, o terror) foram ainda piores. De fato, os anos de guerra permitiram até um pouco mais de liberdade e fecundidade, e a vida espiritual pode desabrochar novamente. Mesmo Shostakovich sentiu que ele estava “recomeçando a viver” na época em que compôs a sétima e oitava sinfonias. A Sinfonia No.8 (op.65), composta em 1943 é, assim como a sétima, também uma sinfonia de enormes dimensões e é geralmente considerada como sua sinfonia mais grandiosa, certamente uma das com maior homogeneidade e perfeição. Embora muitos considerem que o lado “público” de Shostakovich deva ser ouvido em suas obras sinfônicas, e o lado mais “privado” em suas obras de câmara, a música nesta sinfonia é tão profunda, pessoal e íntima quanto a de qualquer de seus trabalhos de câmara. A linguagem desta sinfonia, também escrita durante a segunda guerra mundial, é mais atormentada que a da Sétima. Ela reflete o horror e

sofrimento, e faz uso de marchas brutais e vários mecanismos ao retratar o poderio militar e a loucura da guerra. Para um relato “definitivo” desta sinfonia, poder-se-ia ouvir Mravinsky (Philips 422442-2: Mravinsky, Leningrad Philharmonic), ou outra versão completamente satisfatória como a oferecida por Haitink (Decca 425071-2: Haitink, London Philharmonic).

Embora as sinfonias Sete e Oito tivessem sido escritas durante a segunda guerra mundial, e apesar da Sétima servir como um símbolo “da resistência do povo Russo contra o agressor Nazista”, atualmente acredita-se amplamente que as sinfonias na realidade atestam os anos terríveis de repressão antes da guerra.

Para comemorar o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, esperava-se que Shostakovich produzisse uma partitura “monumental e triunfante”, mas a Sinfonia No.9 resultante é uma obra mais leve e mais modesta que a que lhe precedeu, e foi muito criticado por sua “trivialidade”, na época. Trata-se de fato de uma boa sinfonia, cheia de charme, beleza, humor e engenhosidade, mas obviamente as autoridades da época foram capazes de identificar o “sarcasmo” subjacente.

O restante da produção sinfônica de Shostakovich, culminando em sua enigmática – mas profundamente envolvente – Sinfonia No 15, revela outras obras-primas, especialmente suas Sinfonia No.10 e Sinfonia No.11 (“The Year 1905”).

A Sinfonia No.14, uma obra bela e comovente, é mais um ciclo de canções que uma



◀ sinfonia, e a famosa Sinfonia No.13 (“Babi-Yar”), composta para baixo, coro grave e orquestra é de natureza um pouco mais teatral. A Sinfonia No.12, também uma obra grandiosa, tem uma natureza programática e, assim como a décima-primeira, é algo “cinematográfica”.

Para a série completa das quinze sinfonias de Shostakovich pode-se ouvir as boas gravações de Bernard Haitink tanto com a London Philharmonic quanto com a Concertgebouw Amsterdam Orchestra, que foram reeditados para este ano de aniversário pela Decca em (Decca 4757413: Haitink, London Philharmonic, Concertgebouw Orchestra – 11 CDs).

3. OS QUARTETOS DE CORDAS

Os quinze quartetos de cordas, que correspondem a uma fase mais tardia da vida criativa de Shostakovich, provavelmente representam a série mais poderosa e comovente do século 20. Ele escreveu tanto 15 sinfonias quanto 15 quartetos de cordas, mas o primeiro quarteto não surgiu senão após a Quinta Sinfonia, em 1938. E já este primeiro quarteto mostra uma maturidade, refinamento e serenidade que é típica de sua música posterior. No total, os quartetos de cordas oferecem uma imagem mais íntima, pessoal e de busca que as partituras orquestrais mais “públicas”.

3.1. “PODE-SE DIZER EM MÚSICA O QUE NÃO PODE SER DITO EM PALAVRAS.”...

Dizendo de modo suave, isso significava “a verdade”, a repressão, o sofrimento, o desespero mas, através da força e coragem de Shostakovich em encarar esta realidade, e através de sua pura beleza e potência,

esses trabalhos na realidade ofereceram esperança (como continuam a fazer hoje). Em seu gênio e através das várias formas de linguagem musical codificada, elas falavam diretamente para aqueles milhões que haviam sido oprimidos e perseguidos.

O seu Quarteto de Cordas No.8 (Op.110), escrito em 1960, é considerado o mais “autobiográfico” de seus quartetos, apesar de ter recebido o título oficial “Em Memória das Vítimas do Fascismo e da Guerra” (foi escrito diretamente após visitar Dresden e ter vivenciado quanta destruição ocorrera ali). Nele, ele parece olhar o trabalho de sua vida em retrospectiva, e faz constantes referências a vários códigos e temas usados ao longo de seus principais trabalhos. Uma nova gravação deste quarteto (junto com o terceiro e o sétimo) foi produzida neste ano do centenário com o Hagen Quartet (DG 2894776146: Hagen Quartet). Outra representação autêntica do oitavo quarteto (junto com o sétimo e o quinteto com piano) é feita por Borodin Quartet (EMI CDC47507-2: Borodin Quartet, Sviatoslav Richter).

De fato, o renomado ensemble russo Borodin Quartet, que foi associado pessoalmente a Shostakovich, tem promovido esses quartetos pelo mundo por cinco décadas. Suas apresentações do ciclo completo são hoje consideradas largamente como as versões “definitivas”. O Borodin Quartet gravou o ciclo completo mais de uma vez, o que faz com que hoje sejamos servidos por ambas as séries:

(EMI CMS565032-2 (6 CDs): Quartetos de cordas 1-15, Borodin Quartet) ou (Melodiya 74321 40711-2 (6 CDs): Quartetos de cordas 1-15, Borodin Quartet).

Além do mais, neste ano, a Deutsche Grammophone reeditou, a preço de barganha, a excelente e brilhante interpretação do ciclo completo feita pelo virtuoso Quarteto de Cordas Emerson (DG 4757407(5 CDs): Quartetos de cordas 1-15, Emerson String Quartet).

4. OS 24 PRELÚDIOS E FUGAS (OP.87)

Em 1948 havia uma repressão artística renovada na União Soviética e, após o infame “Relatório Zhdanov”, alguns dos maiores compositores do país, incluindo Prokofiev, Myaskovsky, Shebalin e, naturalmente, Shostakovich foram acusados de “formalismo e tendências antidemocráticas”. Consequentemente, a maioria das melhores obras de Shostakovich foi proibida de novo na União Soviética. Para sobreviver, ele novamente “jogou o jogo”; humilhou-se publicamente ao proferir discursos estranhos e tramados (provavelmente nem mesmo escritos por ele próprio) pedindo perdão e proclamando sua lealdade ao “Partido”. Um de seus papéis na reabilitação pós-1948 incluía sua participação em uma delegação soviética que, em 1950, foi a Leipzig, Alemanha Ocidental, para tomar parte (tocando piano) nas celebrações do bicentenário de Johann Sebastian Bach. Este evento inspirou-o a escrever sua própria série de 24 Prelúdios & Fugas para piano como uma homenagem a “O Cravo bem Temperado” de Bach.

4.1. “O EQUIVALENTE DO SÉCULO 20 AO WELL-TEMPERED CLAVIER DE BACH.”

Embora uma primeira audição possa fazer com que esta música pareça mais simples, “inofensiva” e acessível que

* Andrey Zhdanov: Membro do Politburo com responsabilidade pelas artes

◀ as outras músicas de câmara típicas de seu período posterior, ele é na verdade uma música tão complexa, poderosa e sentida profundamente como, por exemplo, os quartetos de cordas. Desnecessário dizer que a reação oficial da “União dos Compositores” a esses trabalhos foi muito fria, e que eles foram muito criticados. Não obstante, os 24 Prelúdios e Fugas (op.87) emergiram como um dos maiores ciclos de literatura para piano do século 20 e, por representarem a música mais importante de Shostakovich para piano, eles estão, de fato, estabelecendo-se como um equivalente do século 20 ao “Well-Tempered Clavier” de Bach.

Uma performance comovente e íntima dos 24 Prelúdios e Fugas é dada por um amigo de Shostakovich e pessoa a quem a música foi dedicada: a pianista russa Tatyana Nikolaieva (1924-93) pelo selo Melodyia (Melodiya 74321198492(3 CDs): Nikolaieva)

E uma versão mais recente e virtuoso é dada pelo brilhante pianista russo Vladimir Ashkenazy (Decca 466066-2(2 CDs): Azhkenazy).

5. O LADO “LEVE”

Ná década de 1920 Shostakovich já havia se estabelecido como um compositor e, nessa época, havia uma vida musical ativa e moderna em Leningrado, a qual era muito aberta a influências ocidentais (diferente da época

de repressão política e artística uma década mais tarde).o Jazz já havia chegado na Rússia em 1922 e Shostakovich, inspirado por esta música e outras formas novas, tais como a “Broadway” e o cinema, devotou muito do seu tempo a compor também músicas de uma natureza mais leve, mais de entretenimento. As mais populares de suas músicas são algumas suítes de “jazz” e balés. Embora suas músicas fossem uma de suas principais fontes de renda, e (ainda que) sejam



de uma natureza menos séria que as sinfonias e a música de câmara, elas são, não obstante, obras de um gênio criativo cheio de charme, elegância melódica e humor. Essas obras, embora não tenham realmente semelhança com jazz, são no entanto cheias de valsas, polkas e foxtrots deliciosos, e têm um quê de estilo burlesco.

Outras obras comissionadas incluíram a composição de trilhas para filmes russos que o mantiveram ocupado ao longo de toda a sua vida criativa. Claramente, muitos desses filmes tinham natureza de propaganda Soviética e, de modo correspondente, a música não é do melhor Shostakovich. Entretanto, algumas das trilhas de filmes revelam música de qualidade e beleza genuína, como aquelas compostas para os filmes: “Hamlet”, “King Lear” e “The Gadfly”.

Ricardo

Chailly gravou, com as orquestras Philadelphia e Concertgebouw, três álbuns belissimamente tocados, ricos e coloridos com algumas das melhores músicas de Shostakovich deste gênero: (Decca 452597-2: The Dance Album – Chailly, The Philadelphia Orchestra), (Decca 433702-2: The Jazz Album – Chailly, Concertgebouw Orchestra) e (Decca 460292-2: The Film Album – Chailly, Concertgebouw Orchestra).

6. GRAVAÇÕES DE OUTRAS GRANDES OBRAS DE CÂMARA, ORQUESTRAIS E VOCAIS

Este artigo não estaria completo sem ao menos uma breve menção

a duas obras muito pessoais, o Trio para Piano No.2 (op.67) e o Quinteto para Piano (op.57), ambas obras de uma natureza profundamente trágica, escritas durante a segunda guerra mundial. Tanto o Trio para Piano, inspirado pela morte prematura de seu amigo próximo e leal, Ivan Sollertinsky* em Novosibirsk, quanto o quinteto de piano,

* um professor do Leningrad Conservatory que apoiava Shostakovich de modo constante, tendo ele mesmo também sido denunciado como “formalista”

« ambas comunicavam mensagens similares e, quando foram estreadas, tiveram tal impacto no público que as pessoas choravam visivelmente nos concertos. Naturalmente, como o resto de algumas de suas grandes músicas, a execução desta música seria rapidamente censurada. Excelentes representações do Trio para Piano No.2 (op.67) e do Quinteto para Piano (op.57) disponíveis são: Philips 432079-2PH: (Beaux Arts Trio, Drucker, Dutton) e Chandos CHAN8342 (Borodin Trio, Zweig, Horner). Uma novíssima gravação de este Trio acabou de aparecer este ano (junto com o Trio para Piano op.24 do amigo de Shostakovich Mieczyslaw Weinberg) pelo “Leschetizky Trio Vienna” (Cascavelle VEL3104: Leschetizky Trio Vienna).

Assim como em sua música de câmara, o lado “privado” de Shostakovich também é refletido em seus concertos, dos quais ele escreveu dois para piano, dois para cello e dois para violino. Philips, muito

todos os seus concertos, com diferentes solistas e orquestras de classe mundial (Philips 475260-2 – 3CDs – Complete Concertos: Schiff, Kremer, Mullova, Ortiz...). Uma nova gravação dos concertos para violino também surgiu neste ano com Daniel Hope como solista e ninguém menos que o próprio filho de Shostakovich, Maxim Shostakovich, conduzindo a BBC Symphony Orchestra (Warner Classics 256462546-2: Daniel Hope, Maxim Shostakovich, BBC Sinfonia Orchestra).

Além de várias óperas, Shostakovich também compôs outros trabalhos vocais, incluindo música de coro, “Lieder” e ciclos de canções com acompanhamento orquestral.

Com a reedição de uma generosa coleção em caixa com 5 CDs de algumas Canções Orquestrais, seu “Michelangelo Versus” e até a ópera “Lady Macbeth of Mtsensk” completa sob as várias batutas de Vladimir Azhkenazy, Myung-Whun Chung e Neemi Jarvi, a Decca nos oferece um raro banquete este ano neste tributo a Dmitri Shostakovich (Decca 4757441 (5 CDs): Azhkenazy, Myung-Whung Chung, Jarvi, diferente orquestras e cantores).

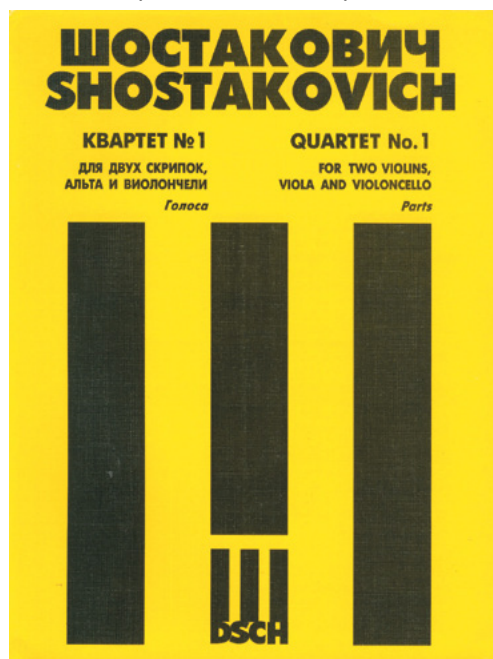
Embora o fim da vida de Shostakovich tenha sido severamente marcado pela doença, e ele tivesse grande dificuldade para usar sua mão, ele continuou a compor até o derradeiro momento. Sua obra prima final e profundamente introspectiva, inconfundivelmente o seu “adeus” a este mundo, sua magnífica sonata para viola e piano (op.147), foi terminada



praticamente um mês antes de sua morte (9 de Agosto de 1975). Em um tom de resignação e aceitação da morte, ela tem muito do mesmo mundo que o último quarteto de cordas (no. 15), escrito um ano antes.

“CONDUZINDO-NOS EM DIREÇÃO À LUZ E À RAZÃO”

Ao consultar o website do “Shostakovich Centre”, baseado em Paris, pode-se ver a Declaração Inaugural da “International Shostakovich Association (1992)” que culmina com a frase: “Assim, mesmo após sua morte, Dmitri Shostakovich continua a conduzir o mundo em direção à luz e à razão. Sua obra, de valor universal, é reconhecida por todos”. Esperamos que o evento do Centenário de Shostakovich venha a estimular ainda maior interesse no trabalho de sua vida e atrair para ele mais milhões de admiradores em todo o mundo. Dmitri Shostakovich, sua música sendo tão enraizada nos eventos turbulentos do século 20, e tendo tal relevância para o mundo hoje, pode verdadeiramente ser chamado de “o compositor de nossos tempos”.



convenientemente, montou uma caixa com 3 CDs que apresentam

* “canções” em alemão – n. t.

Linha High-End Sennheiser.
O máximo em qualidade
para quem não quer perder
os mínimos detalhes.



Headphones top de linha
que proporcionam uma
experiência acústica de alta
resolução, sem compressão.
É música para ouvir e sentir.



HD 800 S

Conheça outros produtos da nossa linha **High-End**.



HD 600



HD 650



HD 800



HD 630VB



IE 800



HDVD 800

[f/SennheiserBrasil](#) [@SennheiserBR](#) [@SennheiserBR](#)

SENNHEISER
The Pursuit of Perfect Sound



Tristão e Isolda: O mito por excelência



► Víctor A. Mirol

História, novela picaresca, conto, trova ou mito a história de Tristão e Isolda permeia séculos de tradições europeias de narrativa, de início motivo preferido dos trovadores da Idade Média e depois tema infalível na nova técnica de impressão desenvolvida a partir da invenção da tipografia. De origem desconhecida com exatidão, dela existem versões nórdicas, gaélicas, ibéricas e sabe-se lá quais mais que possam estar desaparecidas. O seu atrativo, que determina tão longa subsistência, é a múltipla interpretação que dela pode ser realizada por cada subjetividade. Como todo relato mítico, nele estão inseridos anseios e angústias, interrogantes eternos e asseverações enfáticas, paixão e misticismo, amor e traição, lealdade e miopia, castigo e redenção. Enfim, os ingredientes fundamentais de toda grande história que como tal consiga evocar as mais profundas angústias e dilemas que formam o imaginário da mente e a psique humanas, essa mistura de pequeno conhecimento e grande delírio e imaginação que formam a argila da qual estamos construídos.

De todas as versões, a de Richard Wagner é a que mais acertadamente nos atinge. Reduzindo a ação a simples três cenas com quase nenhuma ação externa, ela nos obriga a dirigir a atenção e a sensibilidade no terreno desconhecido da emoção puramente introspectiva que busca eternas soluções ao dilema da nossa identidade fundamental e última, que nos é basicamente e essencialmente desconhecida. Que desejamos e a que aspiramos?

É uma ode ao desejo eterno de amor e transcendência, ao descobrimento vacilante de cada destino, mostrado, passo a passo, pelo caminho de descoberta e transformação que Tristão percorre ao longo dos três atos da obra, culminados, realizados e completados pela opção final de Isolda. No mais intrigante fruto de um amor frustrado e impossível (Mathilde Wesendonck) e de uma

interpretação profundamente pessoal da filosofia da dualidade entre a nossa representação (falsa) da realidade – “Phenomenon” – e a inascível realidade subjacente em si mesma (“Noumenon”), em Tristan “dia” e “noite”, “luz” e “escuridão”, “vida” e “morte” (Shopenhauer), Wagner nos mostra o caminho do auto-aniquilamento, a desaparecimento da vontade e das justificativas inúteis. Da dissolução na noite eterna e no eco da respiração misteriosa do Universo. O anseio da não-existência, da não-permanência corpórea individual, da dissolução no universal onde as coisas são indivisíveis e a totalidade uma só. Assim desejam Tristan e Isolda seu destino e anseio de unidade e isso só é possível numa viagem de não retorno.

A mais gigantesca conceição do espírito dramaturgo e transcendente de esse grande artista que existiu nesse pequeno homem que se chamou Richard Wagner está representada da melhor maneira possível na versão de Karl Böhm nos festivais de Bayreuth de 1966, captada por um team da Deutsche Grammophone (Wolfgang Lohse e Günter Hermanns), não poderia estar mais bem descrita e criticada que neste texto de André Vital que agora apresentamos aos nossos leitores.

Ninguém melhor que ele para fazê-lo. Tendo estudado privadamente com a professora Marlene Fernandes teoria musical e canto por quase 25 anos, André Vital já foi colaborador do jornal O Globo, produziu o programa Música Germânica para a Rádio Mec e um outro de exibição de óperas integrais na extinta Rádio Opus 90. Também comentou por 3 anos as re-transmissões da Rádio Cultura das performances do MET.

Atualmente dirige o Círculo Montsalvat, entidade oficial da Sociedade Internacional Richard Wagner, tendo feito sobre este compositor, juntamente com o diretor R. Gondim, o vídeo “Wagner, Drama, Mito e Música”. Apaixonado pela música de Wagner e da escola alemã em geral, é um

estudioso incansável com quem é prazeroso o diálogo, cheio de observações precisas matizadas com histórias interessantes sobre as diferentes gravações e intérpretes do gênero.

Espero que desfrutem do texto de Vital. Até arrisco que, se houver suficientes solicitações e interesse, seria nosso grande prazer realizar audições comentadas de grandes obras líricas da escola alemã com a participação dos nossos leitores. Eu me encarrego de convencer Vital de nos dar esse prazer.

Por enquanto, e aproveitando que está por aí uma versão cinematográfica do imperecível mito, cedam a tentação de se submergirem no delírio musical proposto por Wagner e, providos do necessário texto traduzido e – melhor ainda – de um comentário musical adequado, ouçam esta ou alguma das boas versões existentes, tanto em LP/CD como em DVD/LD. Se conseguirem, depois disso, assistir a uma representação real, verão quanto lamentarão que no final, após a belíssima e inefável cena de Isolda que fecha a obra, sentirão a frustração de ouvir frenéticos aplausos do público em vez do recolhido, prolongado e respeitoso silêncio que seria o epílogo mais adequado para esta experiência estética única.

Para quem quiser ampliar a percepção, o texto que acompanha a versão de Carlos Kleiber traz duas belas contribuições de Hans Jürg Lüti e Jürgen Mahder sobre a obra. Outra interessante publicação é “A ópera como Drama” de Joseph German (Jorge Zahar, 1990) e, naturalmente, a publicação de Ernesto de la Guardia (Ricordi Americana, Bs. As., 1948).

Wilson Audio Alexia

Um novo padrão de realismo musical



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

WILSON[®]
AUDIO

Tristão e Isolda

Elenco: Nilsson, Windgassen, Ludwig, Wächter, Talvela, Schwreir, Heather

Coro e orquestra: Festival de Bayreuth (66)

Regente: Karl Böhm

► André Vital

Fundada numa reputação mítica (em vários sentidos), por ter sido a mais vista e divulgada das encenações de Wieland Wagner – apresentada por mais de 10 anos (inicialmente regida por Wolfgang Sawallisch) –, o registro sonoro da performance de 1966 até hoje ressoa como o “Big Bang” que foi há quase 40 anos.

Considerado pela crítica especializada como “pendant” da gravação de Furtwängler, Böhm investe e exhibe todas as qualidades (por alguns considerados defeitos...) que o notabilizaram: absoluta e milimétrica precisão rítmica e de fraseado, limpeza cristalina de timbres e sonoridades, ímpeto avassalador – o qual, inclusive, derruba o elemento crítico da maioria dos ouvintes –, a opção



Wolfgang Windgassen



do regente de evitar a excessiva e ampla flexibilização dos tempos tal como praticada por Furtwängler não só em sua gravação de estúdio, bem como na sua récita ao vivo de 1947, em Berlim, e dos fragmentos gravados na ópera de Viena, em 1944, começou a ser notado já no tempo de lançamento da gravação de Böhm..

As características supracitadas da interpretação de Böhm hoje nos saltam aos olhos (e ouvidos) e, não querendo censurar a leitura de um mestre como Böhm desse píncaro do romantismo musical alemão, temos que considerá-lo frente às mais de duas dúzias de interpretações disponíveis hoje em dia (Solti, Kleiber), muitas delas antes desvalorizadas e agora ganhando novo fôlego perante a opinião do público

e da crítica. Vemos que, em várias passagens da peça, principalmente nos momentos que antecedem o dueto do segundo ato e – sobretudo – o prelúdio do terceiro ato e os monólogos de Tristão, poderiam ter ganhado uma expansão e respirações mais marcadas (interessante notar que no ensaio que vinha gravado no décimo lado da edição em LP, ao introduzir-se o segundo tema do prelúdio, Böhm queixa-se com a orquestra de Bayreuth de que esta está tocando muito rápido e não como a instrução da partitura (“gedehnt”); interessante conflito de intenções conscientes e inconscientes do maestro...).

Obviamente, tal juízo crítico se desmancha perante a cena da narrativa da chegada do navio de Isolda, no terceiro ato mais empolgante de toda história do disco e possivelmente de qualquer performance jamais feita. Lá, Böhm está no seu elemento, conseguindo levar cantores e instrumentistas a um frenesi dionisíaco de tirar o fôlego e nos deixar estonteados sem, sequer, comprometer a limpeza e a precisão da articulação de





todos os temas envolvidos no momento (notar a derivação do tema do pastor que surge juntamente com a frase cantada de Kurvenal “Ah como corajosamente ele navega!”). Na invocação à Frau Minne e o alerta de Brängene, nem a crítica acima pode se aplicar, pois a textura está completamente flexível (neste momento!), havendo uma perfeita simbiose entre detalhe e integração de sonoridade. Um último detalhe, do qual não é culpado o regente e sim o time da gravação: preocupados em registrar do modo mais preciso possível a orquestra no fosso místico de Bayreuth, os engenheiros da DG colocaram um microfone próximo aos metais,



Birgit Nilsson

fazendo com que no clímax do final da ópera (frase de Isolda: “Welt Atems...”) houvesse uma total infidelidade à concepção sonora original da partitura, pois não só a dinâmica está em **FFF**



(quando, na partitura está especificado somente **F**) como a escrita em *trêmolo* das cordas e as madeiras sustentadas ficam completamente afogadas numa “catarse marmórea”. Por que Böhm não estava equivocado em marcar a dinâmica nesta passagem? Porque sabemos muito bem que, em Bayreuth¹, os metais são os instrumentos mais difíceis de serem ouvidos e NO TEATRO, a proporção com a voz e com os outros instrumentos certamente soou perfeita (assim foi dito à este crítico – pelo saudoso Mário Henrique Simonsen – que foi como exatamente aconteceu).

E as vozes? Poderíamos traçar um paralelo entre a regência de Böhm e o canto de Nilsson; completamente à vontade nos momentos mais dramáticos e algo frio nas passagens mais líricas (apesar de um belo pianíssimo na linha

“Süsse Wörtlein, ‘und’”).

Em alguns momentos a valoração que a tomada de som dá às vozes, como no momento climático do dueto do segundo ato pouco antes dos amantes serem surpreendidos, a voz da soprano cobre a dissonância que marca este momento, ficando a sensação de uma coisa algo “exibicionista” por parte da Nilsson. Isso pode soar como um preciosismo, mas ao ouvirmos Astrid Varnay e Martha Mödl, esta última na gravação Karajan-Bayreuth de 1952, vemos que há muito mais para se interpretar no papel de Isolda em termos de fraseado, cor tímbrica e até mesmo num senso subjetivo mais imediato, elementos que parecem faltar ou não importarem à soprano sueca.

Windgassen, ainda desconsiderado atualmente, foi durante muito tempo comparado desfavoravelmente em relação aos seus quase contemporâneos intérpretes do papel, como Jon Vickers² e Jess Thomas. Contudo, os dois últimos raramente cantaram o papel ao vivo sem cortes (nas récitas do festival de Salzburgo de 1971-72, regida por Karajan, foi feito o “grande corte” entre as frases “Bot’ ich den Tage

1 Na peculiar acústica do teatro de Bayreuth, a audição dos metais tende a soar algo abafada para quem escuta desde a platéia.

2 Jon Vickers cantou pela primeira vez o papel de Tristan no Teatro Colón de Buenos Aires, em setembro de 1971, com Birgit Nilsson no papel de Isolda. Eu tive a sorte de assistir essa belíssima representação que contou, ademais, com Grace Hoffman, Norman Mittelman e Franz Crass. O diretor foi Horst Stein. Comentários de Nilsson e Vickers sobre essa versão podem ser lidos em <http://www.vaimusic.com/CD/1178-3.htm>, onde também pode ser comprado o CD (cuja qualidade sonora não garanto). (VAM)



Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

MUSICIAN - DESTAQUE DO MÊS

Trutz” até “Doch es rächte sich der verscheuchte Tag”). O timbre desigual e algo choroso de Windgassen, algo inadequado para papéis heróicos como Siegfried, soa como uma luva para o mais instável dos heróis wagnerianos. Seu fraseado algo ocluso encarna à perfeição o Tristão hesitante da maior parte do primeiro ato, seu timbre descolorido no agudo é perfeito tanto para os momentos de êxtase histérico do início e do fim do dueto do segundo ato, bem como para o auto ferir-se psicológico dos 3 primeiros monólogos do terceiro ato, para não falar da expressão ensandecida necessária aos momentos que precedem sua morte. Até mesmo seu hábito tão irritante de acelerar o ritmo é aqui controlado com mão férrea por Böhm, o que gera um novo e subseqüente “Drang” à sua caracterização do papel. A verdade da sua expressão chega a ser chocante, no bom sentido, ao ouvirmos a frase climática do terceiro ato (“Maldita seja terrível bebida, maldito quem te preparou”), canto e fala em fusão assustadoramente perfeita).

Christa Ludwig é a ÚNICA Brängene que consegue cantar as frases do alerta do segundo ato com sustentação perfeita e, ainda por cima, conseguindo soar completamente verídica na sua convicção; só há que lamentar que a tomada de som a tenha deixado muito próxima nessa passagem. Wächter bem pode ser o melhor dos Kurvenals, pelo menos no que diz respeito a técnica e timbre. E,

talvez, pequemos novamente pelo preciosismo em dizer que lhe falta aquela honestidade tão direta que Walter Berry consegue infundir ao papel. Talvela dá uma dimensão literalmente sobre-humana à figura paterna do rei, sendo que sua voz de urso, que soa tão terna ao longo de todo o monólogo, verdadeiramente ruge ao cantar a linha: “E ao espreitar, escutando o amigo, assim encontrar o fim da minha honra!”. Verdadeiramente Talvela consegue transcender a tradição de personagem e tornar-se arquétipo. Schreir é o maior dos marinheiros, soando auspicioso na primeira linha vocal da ópera.

Como já mencionado, a tomada de som é vívida, em vários momentos de modo excessivo, como no já citado final da ópera, tornando-se, no entanto, ideal em momentos como o final do primeiro ato e na sessão central do dueto do segundo ato. Cabe lamentar que nenhuma das três remasterizações para o CD (DG- 1988, Philips- 1992 e DG- 1997) tenham conseguido resgatar o calor e o “sumo” do som analógico original; isso também se deu com a primeira prensagem em LP, sendo que só na segunda prensagem da década de 70, chegou-se à uma imagem sonora próxima da fita mestre. Urgimos ao leitor tentar obter esta prensagem ou a versão em fita de rolo pré-gravada para que tenha uma idéia bem clara desta performance. Como várias gravações definitivas, com algumas falhas, é, simultaneamente, um “must”. ■



PAIXÃO *POR ACÚSTICA*

artnovion



Showroom

Av. Eng. Roberto Zuccolo, nº 555/ 3º Piso/ B1 e B2 – Vila Leopoldina
São Paulo/SP - Tel. 11 2117.70.05/ 11 2117.70.04
comercial@maisondelamusique.com.br



Time Out – Dave Brubeck

► Ricardo De Marino e
Clement Zular

Já estamos um tanto quanto habituados a observar discrepâncias entre a obra produzida por determinada pessoa e sua vida pessoal. No universo das artes, não são incomuns associações entre personalidades conturbadas ou desequilibradas e criações geniais. Para aqueles que acreditam que a confusão e o talento criativo andam juntos, Dave Brubeck e seu disco *Time Out* são uma prova contundente de que não há uma correlação direta entre estas duas coisas. Brubeck e sua música conciliam maravilhosamente qualidades de serenidade, intensidade, simplicidade e genialidade. Seu disco *Time Out*, da forma mais desprestigiada possível, alcançou feitos admiráveis. Artisticamente a gravação conseguiu algo raro: ser brilhante e acessível a um grande público. Sua música foi extremamente inovadora em 1959 e, quase meio século depois, permanece atual. Comercialmente estabeleceu um marco, sendo o primeiro disco de jazz a ter mais de um milhão de cópias vendidas. *Time Out* chegou ao segundo lugar nas paradas da Billboard.

Dave Brubeck cresceu em uma casa sob duas influências distintas. Sua mãe era pianista clássica e dava aulas particulares. Chega a mudar-se para Inglaterra



aspirando a carreira de concertista, mas retorna para dedicar-se à criação dos filhos. Seu pai era fazendeiro e lidava com gado. Brubeck cresce no norte da Califórnia escutando música durante o dia inteiro. Aos 4 anos de idade cria e improvisa melodias ao piano. Aos 11, durante a depressão americana, a família se muda para uma grande fazenda de gado e Brubeck passa a se ocupar com as tarefas do campo. Durante a rotina maçante, desenvolve o hábito de observar os ruídos repetitivos, como os dos equipamentos da fazenda ou aqueles gerados pelo trote do seu cavalo, e abstrair ritmos. Mentalmente combina estes ritmos e outros que imagina criando complexas sobreposições. Apesar de passar o tempo livre ao piano, não demonstra interesse por quaisquer métodos de ensino musical. Rejeita ou foge das aulas de sua mãe, a exceção

das de harmonia. Seu desenvolvimento musical segue um caminho próprio, alheio à influências externas, e assim se manterá ao longo de sua vida. Compõe e escreve partituras de suas músicas sem dificuldade, mas curiosamente não desenvolve a leitura musical. Ao terminar o colegial, Brubeck quase segue os passos de seu pai, chega a ingressar na faculdade de medicina veterinária, mas após o primeiro ano muda seu curso para música.

Segue muito bem nas aulas; posterga as de piano enquanto pode. Na sala de aula enfrenta repressão em relação ao seu estilo musical e, para poder praticar jazz e improvisação, forma um grupo com o qual toca em clubes de jazz, rádios e bares. Quando finalmente tem as aulas de piano, sua deficiência de leitura é descoberta. Acaba quase sendo expulso do curso. O diretor da faculdade decide impedir sua graduação sob a justificativa de que Brubeck iria envergonhar a escola. Alguns professores protestam e argumentam sobre seu talento em contraponto e harmonia. O professor de percepção musical sai em sua defesa declarando que Brubeck fora um de seus melhores alunos. Frente à pressão, o diretor recua e decide permitir a graduação de Brubeck. Antes, porém, o obriga a prometer que jamais dará aulas de música. ►►

◀◀ Brubeck forma-se em 42, alista-se e é convocado pelo exército americano. Em 44 sua unidade é enviada à Europa para combater a ofensiva alemã na Bélgica. Está prestes a lutar na Batalha das Ardenas, onde ocorrerá o maior número de baixas na história do exército americano. Pouco antes vai a um show da Cruz Vermelha onde solicitam a participação de um pianista. Brubeck se apresenta como voluntário e um general fica tão impressionado ao vê-lo tocar, que ordena que não seja colocado no front. Talvez a música tenha lhe salvo a vida, literalmente. A guerra ainda o mantém longe de casa por mais dois anos. Ao retornar à São Francisco, o cenário musical está completamente dominado pelo Bebop. É um estilo frenético, tecnicamente complexo e que não têm um apelo universal sobre o público. Como antes, Brubeck mantém-se alheio à influências e modismos. Retoma os estudos, agora como aluno do compositor francês Darius Milhaud. Milhaud foi um importante compositor clássico do século 20, mestre da politonia e do contraponto. Foi também quem, antes de Gershwin, compôs a primeira peça relevante a misturar jazz e música clássica: *Creation of the World*. No primeiro dia de aula Milhaud pede que seus alunos escrevam fugas e contrapontos para seus instrumentos jazzísticos. Brubeck têm a oportunidade de desenvolver a harmonia e o contraponto através da perspectiva da música clássica. Cultiva grande admiração por seu professor e se sente apoiado por ele. “Alguém que acredita em mim”, diz sobre Milhaud. Nas quintas feiras à noite acontecia uma *open house* na casa de Milhaud onde seus alunos fazem verdadeiras *Jam sessions*.

Desta turma sai a primeira banda de Brubeck, um octeto com a proposta de tocar um repertório mais experimental com composições de Brubeck. O octeto está muito à frente do seu tempo e não obtém muita popularidade. Faz notar, contudo, uma forte conexão musical entre Brubeck e o saxofonista. Paul Desmond, antes um clarinetista, adotara o sax alto na banda do exército e viria a ser mais tarde o grande parceiro musical de Brubeck. Pouco tempo depois o grupo é desfeito, Desmond segue sua agenda própria enquanto Brubeck monta um trio. Agora o repertório se concentra em standards conhecidos e logo o grupo começa a ganhar visibilidade.

Quando Desmond ouve as gravações do trio de Brubeck, retorna de NY para São Francisco determinado para que toquem junto. É visto constantemente junto ao trio de Brubeck. As coisas estão começando a caminhar para o trio Brubeck quando, durante apresentações no Hawaii, Brubeck sofre um acidente quase fatal. Ao mergulhar sobre um banco de corais quase quebra o pescoço. Passa por uma dolorosa recuperação e, em meio ao caos, liga para Desmond propondo que formem um quarteto. O grupo herda o repertório do trio e ganha ampla aceitação do público local e espaço nas rádios. Já com certa popularidade, Desmond sugere a Brubeck que o contratem alguém para escrever músicas para o grupo. Brubeck ri e pergunta se está brincando. “Se quiser em meia hora posso escrever ao menos duas músicas”. É exatamente isto o que faz. Uma das músicas é *In Your Own Sweet Way*, dedicada à esposa. A música vira um clássico e é gravada pelos maiores jazzistas da época: de Miles Davis a Stan

Getz. O quarteto agora tem grande visibilidade e é a expressão do *West Coast Jazz*, fazendo contraponto ao bebop. Em 54, está em turnê com Duke Ellington, por quem tem grande admiração. A revista Time está fazendo matéria sobre ambos e Brubeck é capa da revista. Hoje, ele comenta o fato com certo embaraço: “não que eu não quisesse ser capa da revista... mas não antes de Duke. A pior coisa para mim foi ter saído antes dele e ter ele entregado a revista a mim... senti um grande aperto no coração”.

Em turnê pelo Oriente Médio e Índia, Brubeck tem a oportunidade de por em prática um conselho de seu professor Milhaud: “Viaje mundo afora e mantenha os ouvidos abertos. Utilize tudo o que você ouvir de outras culturas... traga tudo para o idioma do jazz”. Ao ver músicos turcos tocando e improvisando sobre um compasso de 9 tempos como se estivessem tocando um blues, Brubeck diz a si mesmo: “Nossa, vários músicos conseguem improvisar juntos em 9... por que eu não aprendo como fazer isto?”. Surge a idéia de fazer um disco todo baseado em fórmulas de compasso até então pouco usuais no jazz.

Ouçá *Blue Rondo Alla Turk* e conte bem rápido: 1,2 1,2 1,2 1,2,3 + 1,2 1,2 1,2 1,2,3 + 1,2 1,2 1,2 1,2,3 + 1,2,3 1,2,3 1,2,3. Um número a cada nota do tema e dê maior ênfase aos 1's. Some os números de cada compasso que ao final você terá sempre 9 (fórmula de compasso em 9/8). Outras fórmulas também são empregadas ao longo do disco: 5/4 em *Take Five* e 6/4 em *Pick Up Sticks* por exemplo. O mérito do disco, porém, não está em um *approach* acadêmico para música com tempos não tradicionais. Brubeck e seu quarteto



◀ conseguem mover-se livremente pelas diferentes fórmulas de compasso e até sobrepor diferentes métricas em uma mesma música. Enquanto faixas como *Take Five* e *Pick Up Sticks* se mantêm fiéis a uma fórmula de compasso específica, outras como *Three to Get Ready* alterna o tempo todo um compasso 6/4 e dois 4/4. Basta contar para conferir. Em *Kathy's Waltz*, após a introdução, enquanto o piano e o baixo estão em 4/4 a bateria faz uma levada na caixa da bateria em 2/4 deslocando os acentos de forma que soe como 3/4. Complicado de entender, mas fácil de ouvir. A beleza está na forma leve e natural como estes recursos são empregados. Tanto que somos capazes de ouvir e apreciar o disco inteiro sem perceber tudo isto acontecendo.

Sabendo que seu disco “experimental” encontraria resistência dentro da gravadora, Brubeck fez mistério até o momento de entrar no estúdio. Não para sua surpresa, os executivos da gravadora acham as músicas estranhas e não querem lançar o disco acreditando que será um fiasco comercial. Dizem que é muito fora do padrão, possui somente músicas inéditas quando o correto seria incluir standards conhecidos, que não se pode dançar ao som das músicas, etc. Até a escolha de uma pintura abstrata para a capa foi ponto de controvérsia. Felizmente o disco acaba sendo lançado exatamente como Brubeck o idealizara e não demora para que comece a ser muito tocado nas rádios. O resultado já foi mencionado no início do artigo. Uma das músicas responsáveis por tamanho sucesso foi *Take Five*. A origem da música remete a uma ocasião quando Brubeck observa Desmond praticando enquanto Joe Morello

toca a bateria em 5/4. Ele então pede a Desmond que escreva algo nesta fórmula de compasso. No ensaio seguinte Desmond traz algumas melodias, mas diz ter sido incapaz de compor uma música adequadamente em 5/4. Brubeck pede que repita duas das melodias tocadas e então as encadeia na tradicional sequência A B A. Nasce *Take Five*, inicialmente com a pretensão de ser uma introdução para o solo de bateria. Foi o *single* de maior sucesso do grupo. Há uma passagem curiosa onde Desmond, creditado como compositor desta música, oferta ao resto do grupo seus direitos e royalties sobre *Take Five* em troca de um novo barbeador elétrico.

A sonoridade do disco remete a uma gravação feita em uma mesa de três canais com “hard pan”. Neste tipo de gravação cada microfone é posicionado totalmente à esquerda, ao centro ou totalmente à direita. Não há posições intermediárias. Ao escutarmos a gravação por vezes temos a sensação de efeito estéreo e de posicionamento dos músicos em diferentes regiões do palco. Esta ilusão é consequência do vazamento entre os microfones utilizados em cada instrumento. Obviamente todos os músicos tocam juntos em uma mesma sala. É por esta razão que muitas vezes a imagem dos instrumentos não é sólida. Na faixa 3 – *Take Five* – nas notas mais fortes o saxofone tende à esquerda, enquanto nas notas mais suaves ele tende ao centro. O disco foi feito em três sessões de gravação distintas. Note como na última faixa do disco a imagem, tanto do baixo quanto do sax, é muito mais sólida e estável. Pode-se perceber este instrumentos posicionados bem ao centro do palco.

Temos, neste disco, toda a dinâmica da música ocorrendo

em uma faixa bastante estreita. A música não é chapada e podemos perceber a intencionalidade dos músicos, mas não espere grandes variações de macro dinâmica. A distância entre os fortíssimos e os pianíssimos é de fato pequena. Um dos prováveis fatores responsáveis para esta reduzida faixa dinâmica é um recurso bastante utilizado na época: *tape compression*. Também em razão desta forma de compressão, obtida ao fornecer um sinal mais forte daquele suportado por uma fita magnética, temos também uma sonoridade que parece sempre levemente saturada. Em faixas como *Blue Rondo a la Turk*, quando Brubeck toca pesadamente acordes em bloco durante seu improviso (aprox. 4:30 da faixa) esta saturação é mais evidente. Se a sonoridade dos instrumentos não é um destaque deste disco, o sedutor som de Paul Desmond rouba a cena. Seu timbre é como uma marca registrada sua, e belíssimo. Ele próprio define o som de seu sax, que é único e facilmente reconhecido, sendo como um dry martini.

Após muito sucesso, o *Dave Brubeck Quartet* se separou em 1967. Houve uma breve reunião para comemorar os 25 anos do grupo em 1976. Paul Desmond, fumante inveterado, morreu de câncer um ano depois. Deixou toda sua herança e os direitos sobre *Take Five* para a Cruz Vermelha. Brubeck possui um instituto voltado ao ensino de jazz para jovens músicos e continua a compor peças de jazz, orquestrais e balés. Hoje, com mais de 80 anos, continua se apresentando principalmente nos Estados Unidos e Europa tocando com três de seus filhos. ■

Dynaudio com 50% de desconto em 5 vezes?

Só na Ferrari Technologies.



Linhas DM, Excite e Focus

Aproveite!

FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

All there is. **DYNAUDIO**

Daqui e dali...

Victor A. Mirol

Não, Fernando, os LPs não mudaram! Ou, pensando bem, deveria dizer que sim...

Como no caso de Carlos Gardel, cujos admiradores dizem que “cada vez canta melhor”, os LPs parecem também nos brindar com música cada vez melhor.

É muito difícil, pelo menos dentro da minha amostragem, encontrar alguma pessoa medianamente interessada em música que não fique absorta e extasiada cada vez que coloco algum LP, novo ou velho, em alguma das minhas bandejas toca-discos e deixo uma música maravilhosamente natural e real inundar o recinto. Faço isso sabendo que essa pessoa talvez nunca tenha ouvido LPs ou que já faça tanto tempo desde a última audição que já nem se lembre ou que tenha ouvido LPs tão mal conservados que os considera de sonoridade ruim.

A dúvida é sempre a mesma: não estará você me enganando, estando, na realidade, tocando um CD? Alguns exigem que se levante o braço do toca-discos para ver se realmente é essa bandeja e esse disco o que estão ouvindo.

Quando o rio soa, leva pedras. E este rio soa muito. Mas o que leva no

seu cauce líquido é, como na mitologia germânica do ouro do Reno, ouro puro e as belíssimas ondinas (assim também como é ouro puro ouvir, hoje, a belíssima gravação de John Culshaw da obra de Wagner dos idos 1958 na Decca).

Paremos para tratar de entender o porquê desse “paradoxo”.

Os long-plays surgiram na época em que o áudio era um entretenimento básico no lar. Vinha substituir o rádio, e maravilhava os ouvintes com uma sonoridade que estava chegando a um nível de qualidade impensável alguns anos antes. Falamos da década dos 50.

A excelente sonoridade que já era possível obter com as válvulas 300B – que todo o mundo ouvia nos cinemas – era agora acrescida com a possibilidade de obter muito mais potência com os circuitos push-pull a partir dos desenhos de Williamson.

Os alto-falantes evoluíam rapidamente.

E, para coroar esta surpreendente e aparentemente inacabável evolução, tivemos o aparecimento do estéreo como possibilidade real para o som nos lares.

Este último acontecimento foi possível graças ao aparecimento do long

-play e sua capacidade de alta resolução (pela melhor qualidade do vinil comparado à pasta dos 78 rpm e pela altíssima qualidade das agulhas e cápsulas que apareciam) e maior quantidade de informação (por causa da menor velocidade de rotação e do menor espaço entre os sulcos).

Os engenheiros viram que conseguiam colocar neles os dois canais independentes para guardar o som estéreo, além de melhorar muito a resposta de frequência e o nível de distorção. Em poucos anos o estéreo estava firmemente instalado comercialmente, e a qualidade de gravação e reprodução analógica melhorava constantemente (para dizer verdade, ela está melhorando até os dias de hoje...).

Neste ponto cabe notar que o avanço registrado na época foi devido à obtenção do que hoje, cinquenta anos mais tarde, ainda estamos por ver na tecnologia digital: maior informação. O que hoje tratamos de obter com mais bits e mais frequência de sampling, na época era conseguido com melhor material e melhor controle das vibrações mecânicas dos sistemas de toca-discos e cápsulas.

Mas, havia uma diferença básica, que talvez possa nos ajudar a compreender o porquê da permanência do LP como meio atual valiosíssimo de mídia musical.

O sistema da época não tinha duas limitações fundamentais de hoje: continuidade e possibilidade de aperfeiçoamento. Ele era contínuo, sem sampling, e era aperfeiçoável, em teoria, ad infinitum. Na medida em que os materiais

1 Linn Sondek + Ittok + Sumiko Blue Point Special Rega Planar 25 + RB250 modificado (OriginLive) Philips GA 312 + Shure M95 (ou V15)

2 Existe uma versão re-digitalizada muito boa, e separadamente uma versão digital da magnífica recopilção de Derek sobre a temática musical da Tetralogia, também pela Decca. Porém, não espere encontrar a maravilhosa apresentação gráfica e os livros que a acompanhavam na versão analógica da Time-Life de 1972...

3 Resolução, neste caso, seria o número de minúsculas variações de sinal que podem ser transmitidas pelo sistema, ou, no caso, armazenados pelo LP. Outra forma de defini-la é dizer que resolução é a faixa de frequências passantes, porém isto só não define completamente o termo. Nestes discos depende da qualidade do vinil no sentido de este tolerar as altas temperaturas e pressões exercidas pela agulha sem se deformar além do tolerável (e, com isso, permitir também a reprodução correta dos sinais estéreo codificados nas respectivas impressões em diferentes ângulos dentro do sulco), de permitir a impressão de minúsculas sinuosidades do sulco com nitidez e precisão, de possuir baixo ruído de contato com a agulha, etc.

◀ melhorassem, e as técnicas tomassem conta das vibrações descontroladas, a sonoridade poderia ser melhorada constantemente.

Hoje, diferentemente, estamos limitados pelo formato: 16/44, 24/96, 24/192, PCM ou DSD e assim vai. Cada um desses números indica os limites de cada um dos sistemas digitais. As únicas melhorias com que podemos contar são as do melhor conhecimento do meio e aquelas derivadas dos melhores materiais. Porém estas últimas estão levando a troca dos sistemas de gravação (SACD ou DVD-Áudio, por exemplo). Por outro lado, até que ponto a quantidade de informação que os novos padrões digitais incorporam é relevante musicalmente é ainda motivo de discussão. Os motivos da sobrevivência dos LPs se deve basicamente a falhas na forma como o digital trata a informação musical, e isto é ainda um grande mistério e, pelo visto, ainda o será por muito tempo.

Um outro ponto digno de análise é a forma pela qual as tecnologias digitais e eletrônicas, em geral, permitiram nos últimos 30 anos manipular o som, influenciando nas práticas profissionais dos engenheiros de gravação atuais em relação à música, e também nas das próprias legiões de ouvintes, por extensão. As gravações magistrais – com as raras e devidas exceções – pertencem na sua maioria à época dos LPs dos 50's de 60's...Hoje vemos, pelo contrário, tentativas de comprimir mais ainda o armazenamento do som (MP3, Dolby Digital e outros). Isto é feito alegando razões (menor espaço, maior quantidade de música, melhor portabilidade e transmissibilidade via Internet, etc) que pouco ou nada tem a ver com a qualidade da música. Será que este já não é mais o primum movens da engenharia de áudio?

O que é importante dizer claramente é que não se trata aqui de afirmar que um sistema - analógico ou digital - é melhor que o outro, mas de abrir mão da limitação de visão que implica se dedicar a um só desses sistemas. Também o digital, em suas várias encarnações, tem muito a oferecer, e terá cada vez mais. Porém, sua sonoridade é diferente, e, numa última análise, talvez nem melhor nem pior quando corretamente implementada.

Se tivermos em conta que sempre haverá novos sistemas de gravação de recuperação do som, poderemos nos lembrar de que a música de cada época está gravada nos meios DESSA época, e que grande parte delas nunca serão regravadas nos sistemas seguintes. E que, ademais, a partir do lançamento dos LP's qualquer sistema pode ser bom para ouvir música desde que compreendidas as suas premissas.

O que deve ser destacado é que ouvir hoje LPs não é em absoluto nostalgia ou gosto por antiguidades mas desejo de ouvir música através de um método de gravação absolutamente válido e de alta qualidade quando usado adequadamente. Mesmo porque também um LP pode estar pessimamente gravado...

Nos dias de hoje não param de aparecer novas publicações de LPs. Algumas são re-gravações de antigas versões da época em que a engenharia de gravação era uma coisa séria. Algumas são lançamentos simultâneos com as versões em CD ou SACDs.

Por que isto acontece, e por que poucas pessoas sabem que um LP é ainda um excelente meio de ouvir música?

É uma questão de praticidade

O CD – em suas várias versões – oferece uma grande e tentadora

vantagem: é de manuseio e manutenção mais fácil que o LP e requer menor cuidado que este último. Ademais, oferece maior tempo de música sem trocar o disco. Também é mais fácil de ouvir no carro e pode ser lavado com maior facilidade. Não quero dizer que seja inquebrável. De fato, ele pode deixar de tocar se muito riscado.

Isto para os ouvintes casuais.

Porém, se visto do ponto de vista dos audiófilos, ou mesmo dos melômanos que fazem questão de boa sonoridade, o CD pode enganar de uma maneira insidiosa. Na sua especificação básica – o “Red Book” – os sistemas reprodutores incorporam um sistema de correção de erros. Sem este, o primeiro bit que não conseguisse ser lido seria o suficiente para parar a reprodução. E isto é muito fácil, basta um pequeno risco ou uma partícula de pó na superfície que impeça o raio laser de ler os minúsculos sinais impressos no CD representando valores numéricos.

No âmbito digital não há meio-termos: um dado é lido ou não.

No sistema analógico é diferente. Uma partícula de informação pode ser lida mais ou menos corretamente, sem



◀ que isso afete o resto da leitura. Isto é, esse déficit poderá causar um “pop” ou outro efeito audível localizado, mas será sempre identificado como tal e o cérebro poderá facilmente dar conta dele ocultando-o da consciência.

O sistema digital precisa de outra solução. Os formatos atuais permitem que o sistema possa não ler alguma fração razoavelmente importante de um segundo de música. Além deste limite, o disco não mais conseguirá tocar.

E o que acontece com esta falta de leitura?

O sistema corrige o fluxo de informação incorporando um sinal que tenta substituir o sinal original de uma maneira aproximada. Ou seja, “inventa” música para colocar no lugar da que falta, por um processo de interpolação ou, melhor, de substituição. Este procedimento é teoricamente inócuo, porém pode não ser assim. De fato, na medida em que mais e mais riscos ou sujeiras se acumulam nos CD’s, o que ouvimos é cada vez mais “inventado”, com maior ou menor audibilidade.

No sistema analógico, os LPs, os defeitos de leitura, que podem ser originados em riscos, poeira, partículas maiores ou até fungos se manifestam em forma de ruídos, tanto explosivos (como “tics” e “pops”) como constantes, um ruído de fundo, como de fricção ou de crepitar. Alguns destes problemas são evitáveis e outros não. Por exemplo, defeitos de prensagem ou de tipo de vinil utilizado não têm solução. Já o que depende de correta manutenção, sim. Vejamos.

É uma questão de cuidado

O que diferencia basicamente o LP do CD é a facilidade com que o primeiro mostra as imperfeições da superfície. Então devemos, se queremos obter o máximo de um LP, tomar cuidados básicos para sua manutenção.

Antes de continuar, gostaria de lembrar um amigo que sempre dizia que preferia ouvir um violino com cordas de tripa tocando sobre um ruído de fundo, que outro com cordas de vidro tocando no silêncio absoluto... (isto no início do sistema digital, quando as cordas eram as maiores vítimas da rispidez característica do digital mal utilizado e manejado).

É uma questão de custo

Poucos não iniciados sabem, mas os sistemas toca-discos são muito menos caros do que imaginam, e relativamente fáceis de implementar. Isto sem levar em consideração que existe um grande mercado de usados. Mesmo bandejas honestas, como a Thorens TD 124 ou TD 125 ou a Philips GA 312 nacional podem dar excelentes resultados por pouquíssimo dinheiro. Ou, então, servir para tocar aqueles LPs “históricos” mal cuidados mas impossíveis de substituir. Hoje existem bandejas toca-discos de excelente qualidade por preços mais que razoáveis, no mercado nacional. A mesma coisa acontece com cápsulas e outros acessórios. Quanto aos discos, os novos não são baratos – pelo menos não mais que um bom CD importado – porém, há um imenso arsenal de discos usados à disposição em sebos e até em casa de amigos que querem se desfazer deles.

Como armazenar os discos?

Sempre guardados verticalmente. O vinil é facilmente deformável, e uma vez que isto acontece, ele possui uma forte memória, isto é, não volta fácil à sua forma original. E o que costuma acontecer é que eles ficam ondulados, provocando

ocasionais contatos com a base da cápsula, mudanças da velocidade de leitura, alterações da força de apoio vertical da agulha, da pressão horizontal da agulha sobre os sulcos e outros. Um clamp resolve, às vezes, este problema, mas nunca totalmente e, em alguns casos, nem parcialmente e pode, ainda, dependendo do seu tipo, danificar os delicados mecanismos do toca-discos.

Os discos devem ser guardados em local com temperatura constante, preferentemente fresca, e com baixo teor de umidade. Também devem ser guardados dentro das suas capas internas de maneira a impedir a entrada de pó e micro-organismos. Há capas internas antiestáticas que podem substituir as originais, se necessário.

Como manter limpos os meus discos, e como limpá-los se necessário?

Algumas coisas devem ser mantidas como rotina de uso.

Em primeiro lugar, o manuseio.

Nunca tocar com os dedos a superfície sulcada. A gordura da pele irá fatalmente ficar aderida ao disco e causará o depósito de pó e outras partículas, além de facilitar o crescimento



de fungos. Estes, por sua vez, poderão causar dano físico ao vinil, que não poderá mais ser reparado.

Em segundo lugar, o ambiente de escuta.

Este deve ser livre de poeira ou contaminantes (por exemplo, fumaça de cigarro), e o disco não deverá ficar exposto ao ar mais do que o necessário para ouvi-lo.

Em terceiro lugar, o ajuste do sistema.

Muitas bandejas não requerem mais de que alguns ajustes básicos enquanto outras são mais complicadas. Em todo caso, pelo menos o peso da cápsula deve ser mantido dentro dos limites especificados pelo fabricante, mais perto do limite superior do que do inferior. O ângulo do braço com a superfície do disco (para ser mais correto, o ângulo da agulha com a superfície do disco, o famoso VTA, ou “vertical tracking angle”) também deve ser mantido dentro dos limites (normalmente bastará manter a superfície superior da cápsula paralela com a superfície do disco), sem chegar, porém, à neurose. A agulha deve ser mantida rigorosamente limpa, existindo para isto técnicas e dispositivos adequados.

Se não conseguirmos evitar que a poeira chegue a se fixar nos discos, deveremos ao menos minimizar este fato. Manter a base da bandeja limpa, se necessário com um aspirador de pó, usar a tampa da bandeja abaixada (muitos não aconselham isto por causa da captação de vibrações), usar uma escova apropriada para limpar o pó da superfície antes de tocar cada face dos discos, usar antiestáticos, etc.

Quando tudo isto não funcionou, ou quando estamos usando discos comprados usados de alguém que não cuidou adequadamente deles, é hora de

limpar ou lavar os discos. Existem diversos métodos, alguns deles mediante o uso de máquinas limpadoras a vácuo. Também são postulados diversos tipos de líquidos limpadores, com ou sem álcool. Muitos dos antigos audiófilos de nosso país têm ampla experiência com este tema e esperamos transmiti-la para vocês em próximas edições.

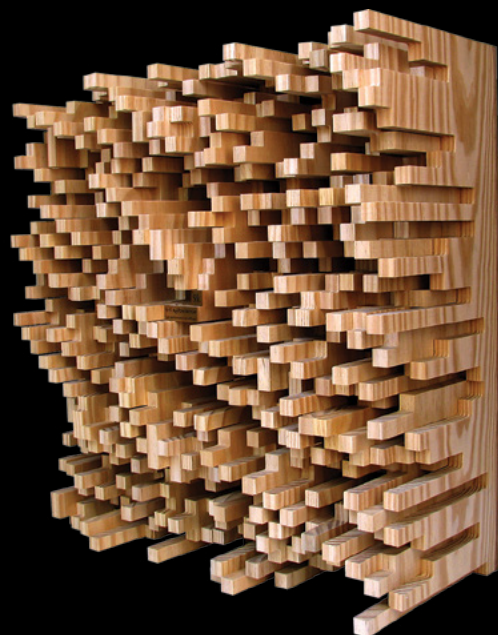
Esperamos ter chamado a atenção de muitos leitores para um mundo “desconhecido” como o dos LPs, e tê-los convencido que vale a pena incluir no seu sistema uma forma de ler esses discos que tantas maravilhas podem nos oferecer, atuais ou passadas. Também esperamos que os leitores deixem de considerar que som é só nova tecnologia. Lembro de outro amigo, engenheiro, motoqueiro e piloto como eu, que me dizia que ficava maravilhado com a ingenuidade dos jovens estudantes que ouviam uma explicação sobre o sistema desmodrômico de comando de válvulas de um determinado motor atual como se fosse uma maravilha tecnológica dos nossos dias... As motos Ducati já usavam esse sistema nos anos 40 ou 50... que deixou de ser usado por demasiado perfeito, caro e difícil de ajustar (soa familiar?...).

Estes comentários estão destinados aqueles que nunca pensaram em ouvir LPs em casa e contém somente a informação básica. Em edições posteriores podemos ampliar o tema, incluindo detalhes muito mais técnicos para aqueles que desejarem ir fundo no tema. Dependerá do interesse dos leitores.

E não esqueçam que no Hi-Fi Show de início de Agosto os leitores poderão estar em contato com os representantes do comércio de áudio que tem à disposição excelentes sistemas – de todo preço – para reprodução de LPs e para seu cuidado e manutenção. ■



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



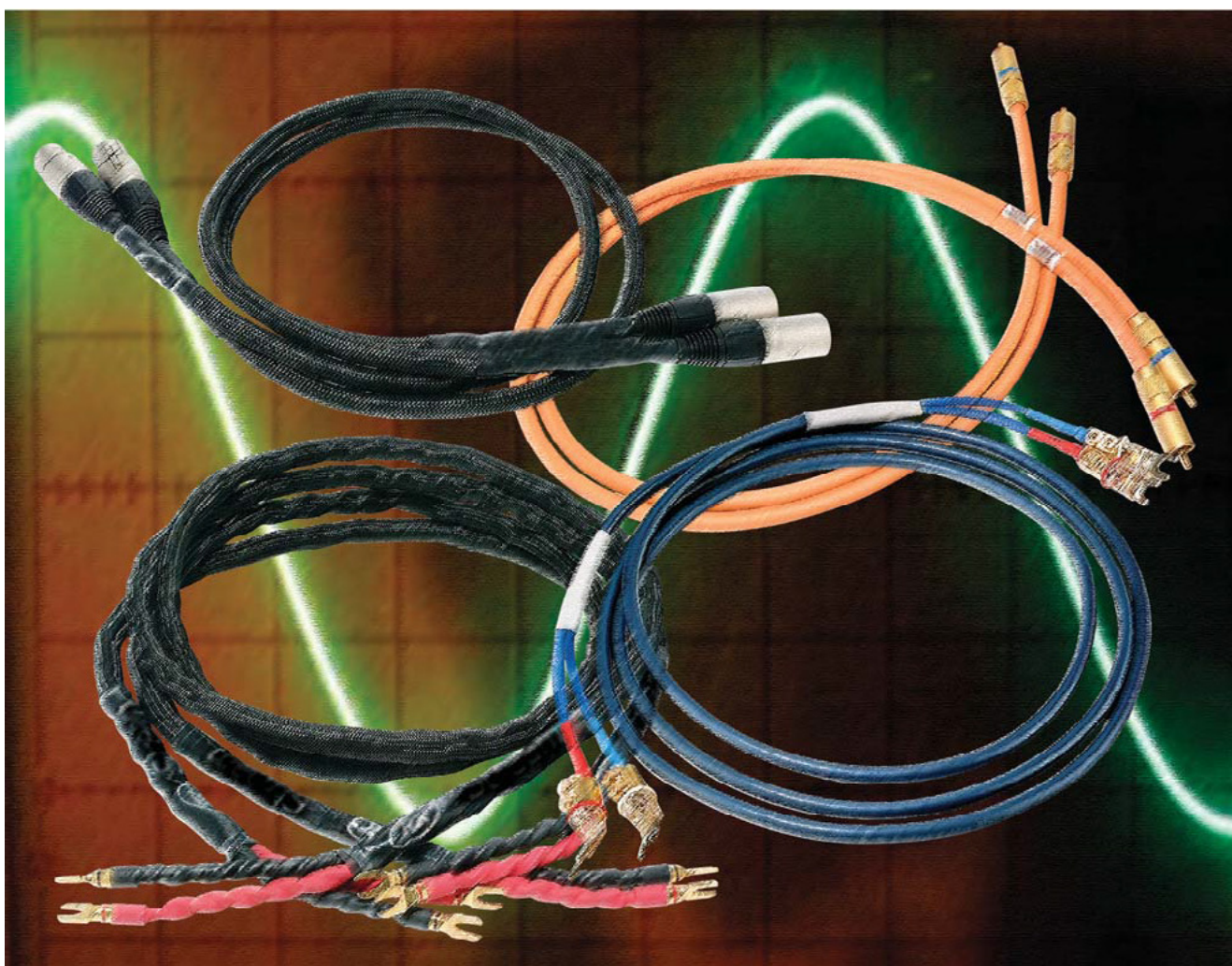
A hi-fi experience oferece painéis para diversos ambientes e bolsos. Também fabricamos absorvedores, ressonadores, difusores customizados, portas acústicas, racks, pedestais, dentre outros dispositivos, peças e acessórios para salas de audição crítica e estúdios.



hi-fi experience

www.hifiexperience.com.br

Um Assunto para Muitas Discussões



► *Fernando Andrette*

Será que existe alguma diferença realmente audível entre um cabo amaciado e um não amaciado?

Se a queima for necessária, qualquer ouvinte poderá perceber a diferença?

A queima ou amaciamento de produtos de áudio é realmente um assunto espinhoso e bastante delicado.

Existem aqueles que acreditam e seguem rigorosamente todas as indicações fornecidas pelo fabricante, e outros que simplesmente acham perda de tempo dar “ouvidos” a tamanha “bobagem”.

Em se tratando de caixas acústicas é relativamente mais fácil dar crédito, já que falantes são por essência um componente mecânico

e, de algum modo, é possível mensurar melhoras em dispositivos mecânicos.

Já a queima de cabo, até hoje, continua sendo “terra de ninguém”, pois ainda não foi possível mensurar ou provar que o amaciamento possa melhorar sua qualidade sônica.

Entretanto, em determinados círculos audiófilos a queima de





cabos parece ser algo irrefutável. No mercado *high-end* muitas alegações não possuem nenhum embasamento científico, sendo, na maioria das vezes, experiências pessoais do projetista ou de um grupo de audiófilos.

E assim criamos um círculo vicioso, em que os que escutam diferenças acreditam piamente, e os que não escutam, tratam tudo como uma grande farsa.

Com esta questão a rondar sua mente desde 2001, o engenheiro Keith Howard desenvolveu uma metodologia e a apresentou à revista Hi-Fi News, que resolveu publicá-la.

Inicialmente saiu um pequeno artigo na edição de maio de 2003, e agora volta à carga com um excelente artigo na edição de julho e agosto de 2006.

Escreve Keith Howard, logo na abertura de seu novo artigo: “Depois de pensar por muito tempo no assunto, decidi que o melhor enfoque seria uma adaptação de um método que utilizei há quase quatro anos, que eu chamei na época de “Efeito Lynx”, pelo fato de utilizar uma placa de som Lynx Studio Technology L22.

Atualmente eu chamo esta metodologia de SCORS (*Statiscal Comparison of Repeated Sequences*), que pelo menos dá uma idéia exata da metodologia de teste de cabos.

Trata-se de um método de testar cabos ao gravar digitalmente a saída de um sistema, por exemplo, com um

cabo de força e então repetir a gravação do mesmo trecho com o mesmo cabo já amaciado (ou mesmo, se quisermos, com outro cabo, para descobrir se existem também diferenças sônicas entre eles).

Os números dentro das gravações digitais, os valores de amostragem, podem então ser comparados para determinar se ocorreu ou não alguma mudança.

Na realidade, este primeiro passo não funcionou como eu esperava, pelo fato de que para os números das duas gravações serem comparáveis, deveria haver uma sincronização perfeita entre a fonte da música e o gravador.

Só então as duas formas de onda poderiam ser sampleadas em pontos determinados idênticos.

Mas, ainda assim, percebi que haveria um grau de diferença entre as duas gravações, devido à presença de ruídos. Assim, tive que rever várias vezes o método e começar novamente do zero”

Fatalmente muitos desistiriam ou jogariam a toalha, mas Keith Howard, além de persistente, teve o *feeling* de que estava perto de algo que deveria ser tentado, assim ele desenvolveu o método SCORS – uma evolução do método inicial ainda mais criativo e desconcertante.

“O método SCORS que desenvolvi para confrontar cabos, apóia-se na idéia de uma fonte sonora, um *player* digital, com uma saída digital e o conversor para gravação A/D, que deve receber o

Clock do *player* digital (para ter absoluta certeza da sincronia de gravação, dentro dos limites impostos pelo *jitter* do *clock*). E cada gravação tem que rigorosamente repetir sempre o mesmo trecho, de ponta a ponta.

Armado com estes dois procedimentos, tornou-se possível aplicar um método padronizado de estatísticas para determinar se as diferenças entre as gravações feitas após mudanças de cabos são estatisticamente significativas ou não”.

Depois de estabelecido o novo método, Keith só precisava definir se continuaria utilizando a placa de som Lynx L22 ou não. Depois de testar outras opções existentes no mercado, chegou à conclusão que a placa com algumas modificações poderia ainda ser a melhor escolha.

“Continuei a utilizar a L22 pelo fato de poder dispensar uma fonte externa digital que precisasse ser sincronizada ao gravador e pelo fato desta placa reproduzir e gravar simultaneamente.

Assim eu podia fazer um *loop* de teste entre uma entrada e uma saída, com sincronia garantida, porque as funções de reprodução e de gravação são ambas controladas pelo mesmo master *clock*.

O próximo passo foi construir um cabo de um metro, usando cabo coaxial Belden RG 58 e plugues Neutrik com contato de terra por mola.

O cabo foi conectado entre a saída 1 e a entrada 1, e, na





tentativa de eliminar interferências eletromagnéticas, o cabo foi embutido em um tubo de alumínio de seção retangular, com a outra ponta recoberta com laminado também de alumínio.

A música escolhida foi a abertura de Dona Olga, uma gravação de 24/96 do DVD – da AIX Records – The Latin Jazz Trio.

Utilizei cerca de 15,5 segundos em 64 repetições.

Para este fim, construí um arquivo Wave consistindo de 64 exemplos do trecho de 15,5 segundos, cada qual com seu cabeçalho, contendo um impulso e um tom de referência.

O primeiro estágio neste tipo de teste é estabelecer uma referência à qual os resultados serão posteriormente comparados.

Eu me impus a tarefa de obter três séries, isto é, três gravações sucessivas do arquivo de teste, com 64 vezes o mesmo trecho, que mostraram diferenças estatisticamente insignificantes entre si, antes de começar a queima do cabo.

Assim, inicialmente gravei um *loop* com o arquivo de testes três vezes, dividi-os nos trechos repetidos e então fiz a análise estatística.

Para minha surpresa, fazendo uma avaliação aleatória das rodadas 2, 3 e 5, foi possível observar que o cabo (ainda não queimado) passou por mudanças de curto prazo em seu comportamento, como se estivessem sofrendo micro alterações.

É preciso lembrar que todos os trechos de todos os grupos foram comparados sobre um comprimento de 1.470.000 amostras, e que a análise estatística tem um intervalo de confiança especificado em 95%. Isso significa que se as diferenças entre as rodadas forem aleatórias, deveríamos esperar que pelo menos 73.500 amostras deveriam mostrar diferenças significativas.

Somente assim poderíamos afirmar que alguma diferença no cabo não queimado estaria presente.

Com estas rodadas armazenadas, o cabo foi queimado por 24 horas usando um *loop* da faixa 31 do CD Usher. Após o período de queima, foram então repetidas mais quatro rodadas com os mesmos 64 trechos da abertura de Dona Olga.

Para comparar o cabo antes e após o período de queima, foi executada uma meta-análise estatística. Os arquivos das rodadas 2, 3 e 5 foram combinados para fornecer uma comparação com os novos arquivos 7, 8 e 9.

Cerca de 20 % das amostras apresentaram diferenças estatisticamente significativas, o que é quase quatro vezes mais do que esperaríamos, caso as diferenças entre os dois grupos fossem simplesmente devidas às presenças de ruído aleatório.

Este resultado levantou a questão se as diferenças são realmente devidas à queima do cabo, ou se, em vez disso, a uma

mudança do *loop* de gravação dentro dos estágios D para A ou A para D do L 22. Com esta hipótese levantada, todo o procedimento de teste foi refeito, mas com links curtos de fio direto entre entradas e saídas da placa.

Mesmo com uma queda de 20% para 12% foi possível detectar diferenças significativas entre as amostras”.

Será então que chegamos a uma prova cabal que cabos mudam seu comportamento depois de queimados?

É o próprio Keith que responde: “É preciso ser cauteloso e repetir muitas e muitas vezes o teste antes de subir no caixote e proclamar que fizemos um grande avanço.

Mas que certamente encontramos um caminho consistente a ser pesquisado, isso não resta dúvida”

Pessoalmente, eu acho de enorme valia que se pesquise e se tente encontrar formas de “aproximar” o que se escuta do que se mede. Pois sair do terreno puramente subjetivista com certeza ajudará o *high-end* a ser muito mais respeitado e admirado.

Voltaremos a falar a respeito da metodologia desenvolvida pelo engenheiro Keith Howard muito em breve.

Até lá, espero sinceramente que tanto os objetivistas ortodoxos, como os subjetivistas de carteirinha, aceitem uma convivência harmoniosa.

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • dArtzeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Mark Levinson Nº 585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Hegel H300 - 93 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.209
Devialet 800 - 92 pontos (Estado da Arte) - Devialet - Ed.211
Luxman L-590AX - 91,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.207

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164
Pass Labs XP-30 - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.189
Hegel P30 - 93,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.212

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
KR Audio Kronzilla DX - 98 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.205
AVM Ovation SA8.2 - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.212

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131
MBL 1611F DAC - 90 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.180
PS Audio PerfectWave DirectStream DAC - 89 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.207

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Kharma Exquisite Midi - 98 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Cabasse L'Océan - 98 pontos (Estado da Arte) - Logiplan - Ed.197

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179
Nordost Odin - 89 pontos (Estado da Arte) - Liquid Sound - Ed.153
Synergistic Research Element Tungsten - 87,25 (Estado da Arte) - Âmbar Audio Dreams - Ed.193
Kimber Select KS-6063 - 86,4 (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.189

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sax Soul Zafira II - 90 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.210
QED Signature 40 - 89,5 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.221



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2RG6MF3KEMW](https://www.youtube.com/watch?v=2RG6MF3KEMW)

AMPLIFICADOR INTEGRADO MARK LEVINSON Nº 585

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando nosso colaborador Jean Rothman me ligou dizendo que o novo distribuidor de Mark Levinson no Brasil queria enviar produtos para teste, não tive dúvida: liguei e marquei um encontro para o outro dia. Foram anos pedindo equipamentos para o ex-distribuidor da marca no Brasil e sempre a mesma resposta: não temos o produto disponível para teste!

Em 1998 comprei meu par de mono blocos H 33 e posteriormente o transporte 30.1. Sempre tive grande admiração pela marca e pelos ínfimos detalhes dispensados a cada produto colocado em linha. Dezenas, talvez centenas dos nossos leitores ainda tenham em seu sistema modelos lançados na década de noventa e ainda funcionando perfeitamente.

Todd Eichenbaum, novo diretor de engenharia para o grupo de áudio da Harman, no lançamento em 2015, na CES, do Nº 585 explicou ser esse novo amplificador integrado o primeiro produto concebido pela nova equipe de 12 engenheiros que trabalham na nova instalação da Mark Levinson em Shelton, Connecticut. Já a fabricação continua sendo em Westford, Massachusetts, com sua estrutura verticalizada que permite acompanhar cada placa de circuito, escolha de componentes e medições e organizar todos os dados de todos os produtos em um banco de dados para a necessidade de futuros upgrades e as necessidades de controle de qualidade.

Na apresentação do novo Nº 585, Todd deixou claro a todos os jornalistas presentes na coletiva de imprensa, que esse novo integrado é o melhor de todos! Para os amantes da marca, certamente o 383 era a referência, que foi lançado no começo de 2000 e ficou quase uma década em fabricação. Mas segundo os engenheiros da ML, o Nº 585 não herdou nada do Nº 383, é um novo projeto voltado integralmente para as necessidades audiófilas atuais. Seu porte é padrão Mark Levinson, com 33 kg e o acabamento em preto e prata em um chassi muito rígido e o grande visor em vermelho que permite uma perfeita leitura até mesmo em distâncias consideráveis. Sua construção é impecável! O display além de mostrar o nível de volume, também mostra que entrada está sendo usada e o filtro digital escolhido da seção DAC. Outro interessante diferencial nesse belo integrado é a possibilidade do uso de um subwoofer separado do par estéreo das caixas e da saída de nível de linha do integrado, e de também poder ser configurado como um pré amplificador de linha desaiada variável.

No interior é que começamos a ter uma ideia exata do potencial desse novo integrado. Trata-se de um amplificador duplo mono com um transformador de 900VA toroidal para cada canal e 12 transistores de saída que trabalham em classe A/B, dando 200 W em 8 ohms. A Mark Levinson afirma que o DAC disponível nesse seu ►

novo integrado foi desenvolvido para ser uma referência no mercado. Esse módulo digital lida com PCM de até 32-bit / 192 kHz e DSD de até 128, possibilitando atender qualquer tipo de arquivo de alta-resolução. O Nº 585 possui quatro entradas analógicas, sendo uma XLR e três RCA, e seis opções de entradas digitais: USB assíncrona, AES/EBU e duas entradas ópticas e duas coaxiais.

O padrão de operação do Nº 585 me lembrou muito o pré amplificador 52 o pré de referência da marca por muitos anos, com seus botões dispostos nas duas pontas do painel frontal e cinco pequenos botões dispostos abaixo do display. Outro detalhe que chama a atenção são os dissipadores de calor, internos, com aberturas no fundo e no topo sem a necessidade de ventilação forçada.

O Nº 585 veio com apenas algumas horas de uso. O fabricante não especifica o período de queima, mas, lendo alguns testes internacionais, o consenso é que 200 horas sejam suficientes para se ter uma ideia segura do seu desempenho. Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Raidho Monitor X-1, Piega Premium 5.2, Neat Momentum SX 7i, Revel Performa3 F208 e Kharma Exquisite Midi. O sistema digital foi o dCS Scarlatti e, para avaliação do DAC, usamos o transporte Scarlatti com os cabos QED Reference 40 Coaxial e AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable. Os cabos de caixa foram o Transparent Audio Reference XL, o Genesis da QED e o Acrolink Stressfree 7N-S1000III. O toca-discos usado foi o Air Tight Acoustic Masterpiece, cápsula Air Tight PC-1 Supreme, braço SME Series V, cabo QED Signature 40 (leia Teste 2 nesta edição) e o Agáta da Sax Soul, com pré de fono Tom Evans Groove +.

Li dois testes do Nº 585, um da revista Stereophile e outro da What Hi-Fi. O que me chamou a atenção foram as conclusões na inglesa What Hi-Fi à favor: eles mencionaram a excelente resolução, organização e compostura, construção e acabamento e sua facilidade

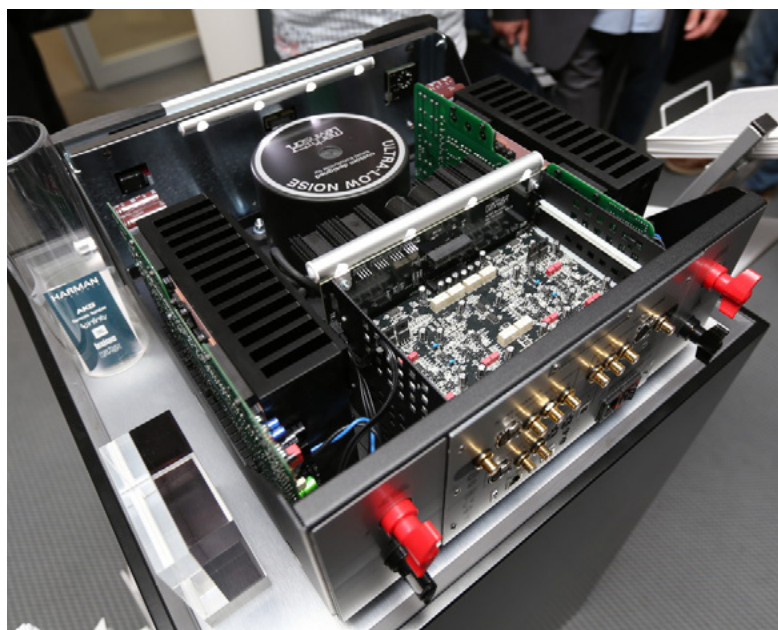
de uso. E contra: "o som não tem um grau de drama". Fiquei, mesmo antes de iniciar as primeiras audições, imaginando o que seria 'som sem um grau de drama'. A tradução seria uma sonoridade mais fria?

Para as primeiras impressões, escolhi dez discos da nossa metodologia que foram produzidos por nós ou por amigos e tivemos a oportunidade de acompanhar todas as etapas de gravação. Outro dia um leitor nos perguntou se a primeira audição, com um produto que vai entrar em teste, é feita com nosso sistema de referência. Sim, desde que não seja um sistema completo, o produto em teste é colocado para ser ouvido por algumas horas no nosso sistema de referência. E são usados parte dos discos e faixas utilizados na metodologia. Até os cabos de referência são utilizados nesse primeiro contato. Todas as observações auditivas dessa primeira audição são anotadas e depois comparadas com as anotações finais antes de se dar o veredicto.

É muito importante essa primeira audição, pois a maioria esmagadora dos produtos testados evolui muito dessa primeira audição, principalmente aqueles mais críticos quanto à necessidade de longo amaciamento.

O Mark Levinson Nº 585 sai da embalagem já mostrando muitas de suas virtudes: uma apresentação muito criteriosa em termos de soundstage, com planos, foco, recorte e ambiência de nível referência. Um silêncio de fundo que permite apreciar cada detalhe seja ele pianíssimo ou esteja imerso no meio de outras sonoridades com maior dinâmica, uma velocidade estonteante, texturas muito precisas e naturais e um equilíbrio tonal que se nota que pode ser melhorado com a evolução do amaciamento, mas não agride ou nos tira o prazer de ir ouvindo enquanto a queima se realiza. Com 100 horas seu equilíbrio tonal já é de outro nível!





Os agudos ganham em extensão e os graves e médios-graves encorpam trazendo aquele conforto auditivo tão buscado por todos audiófilos. Com 100 horas as audições além de mais prazerosas já começam a se estender pela madrugada. Muitas gravações começam a revelar detalhes que pareciam escondidos em outros sistemas, fazendo a pilha de discos que desejamos ouvir crescer a cada dia. Mas, as 200 horas de queima farão muito bem ao N° 585, pois uma certa tendência a um som mais limpo do que quente some (será que a What-Hi-Fi estava com o seu N° 585, totalmente amaciado?). Para que o amigo leitor tenha uma ideia exata da importância do amaciamento, hoje o N° 585 está com quase 320 horas de queima e eu ainda noto certas melhorias pontuais como: texturas ainda mais precisas, quentes e naturais e um agudo mais limpo sem no entanto soar frio ou etéreo! Mas o que acredito seja um cuidado que todos os futuros consumidores desse belo integrado deverão ter em mente é: o cuidado com a escolha de todos os cabos, seja o digital, o de força, o analógico ou o de caixa.

O N° 585 se mostrou ultra sensível à troca dos cabos e ao acerto do ajuste fino - sua assinatura sônica pode ir do ultra transparente ao musical na troca de apenas um dos cabos usados no set. Os cabos são mais importantes que os componentes eletrônicos que o consumidor irá utilizar nele. E talvez isso explique 'a falta de drama no som' no veredicto da revista inglesa. Entro nessa questão, pois sei que inúmeros áudiosfilos levam a ferro e fogo a opinião de determinados veículos de comunicação, mesmo sem nunca terem tido a oportunidade de escutar o produto.

Sua sonoridade com os cabos corretos é deslumbrante! Luxurioso, cativante, de enorme precisão e com uma naturalidade que nos permite ouvir com enorme conforto auditivo e apreciar cada detalhe,

do mais explícito ao mais sutil. O que o N° 585 nunca será é meloso: essa característica você jamais extrairá dele. Se você procura essa característica para seu prazer auditivo, esqueça-o. Mas, se ao contrário, sua busca é por um amplificador integrado que possua potência suficiente para domar qualquer carga difícil de qualquer caixa acústica, seu gosto musical é bastante eclético e você deseja audições repletas da mais alta fidelidade possível, então você precisa escutar esse Mark Levinson.

Seu som depois de completamente 'entendido' é viciante, pois alia precisão, autoridade, velocidade e naturalidade. Talvez dessa nova safra de integrados, seja o mais próximo que se pode chegar do neutro, mas trata-se de uma neutralidade inteligente, pois ele não impõe essa assinatura sônica, pelo contrário, ele permite um grau de manobra, possibilitando ao usuário 'azeitar' ao seu gosto.

No meu caso, eu buscava como ponto de equilíbrio, caixas com a assinatura sônica mais quente, como a Piega, a Kharma e a Neat. Estou agora falando de gosto, não estou dizendo que essas caixas se saíram melhor! É bom que isso fique claro. Pois para um outro gosto, certamente a Revel cairá como uma luva! Ou a Raidho. Gosto é gosto. O que importa é você saber que o novo integrado da Mark Levinson possui esse 'poder de manobra' e essa característica é muito bem-vinda nos dias atuais.

Mas o melhor do pacote eu ainda estava por descobrir! O DAC do N° 585 é disparado o melhor DAC que experimentei de todos os integrados tops por nós avaliados nos últimos dois anos. Sua sonoridade é melhor e mais atualizada do que inúmeros CD-Players top de linha que testamos, é extremamente correta e possui uma musicalidade ainda mais cativante que quando escutamos o N° 585 através de sua entrada analógica! Ficou claro que os engenheiros

da ML investiram muito tempo e dinheiro no desenvolvimento desse novo DAC. Acredito que em breve a Mark Levinson deva lançar um Player ou um DAC externo derivado desse projeto, pois seu potencial se mostrou impressionante!

Para os audiofilos que pensam em um upgrade na amplificação e no CD-Player, eu recomendo uma audição criteriosa desse produto, pois talvez ele seja a solução ideal para muitos dos nossos leitores. Achando que poderia ser o casamento do transporte Scarlatti com o cabo AES/EBU Absolute Dream que proporcionaram esse resultado tão espantoso, resolvi radicalizar e pegar o Oppo BDP-105 e o cabo coaxial QED Reference 40 e ver como o DAC do Nº 585 se comportaria. Claro que a performance desceu de patamar, mas as qualidades de resolução do DAC e a assinatura sônica, quente e natural se mantiveram presentes! Trata-se realmente de um excelente DAC!

CONCLUSÃO

Estamos falando de um integrado de quase 20 mil dólares! Não é para todos, mas uma parte dos nossos leitores que como eu, está envelhecendo, pensa seriamente em fazer um upgrade definitivo e busca cortar custos em cabos tops e simplificar o sistema. Esse segmento com essa ideia na cabeça vem crescendo no mundo de forma muito significativa. Se você veste essa carapuça, seu

orçamento está nessa faixa e você tem uma só bala na agulha, meu amigo, o Mark Levinson é uma excelente escolha a ser ouvida. Uma marca de enorme respeito e credibilidade, um produto que parece foi desenvolvido para durar por décadas e uma performance que nos dá a sensação que fizemos o melhor que podíamos com o nosso dinheiro.

Se esses argumentos não forem o suficiente para você levantar da cadeira e procurar ouvir o 585 não sei o que o fará descobrir esse maravilhoso integrado e o colocá-lo na sua lista de possibilidades para futuros upgrades. Na minha lista ele está entre as três melhores opções atuais do mercado! ■

PONTOS POSITIVOS

Construção, performance Estado da Arte.

PONTOS NEGATIVOS

Preço.



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



Seção de amplificação

Potência de saída	200 W RMS por canal @ 8 Ω , 20 Hz - 20 kHz
Fator de amortecimento	> 400 @ 20 Hz (8 Ω)
Resposta de frequência	• 20 Hz - 20 kHz, ± 0.13 dB • 2 Hz - 250 kHz, +0.2 dB / -3 dB
Relação sinal / ruído	• > 98 dB (20 Hz - 20 kHz, unweighted) • > 103 dB (20 Hz - 20 kHz, A-wtd), em volume máximo
Ganho de tensão	40.7 dB (em volume máximo)
Distorção harmônica total	< 0.01% @ 1 kHz, 200 W, 8 Ω < 0.1% @ 20 kHz, 200 W, 8 Ω

Pré-amplificador: seção analógica

Impedância de entrada	> 45k Ω (RCA & XLR)
Sobrecarga de entrada	> 5.5 V RMS (RCA & XLR)

Pré-amplificador: seção digital

Sample Rates /	• PCM 32 kHz, 44.1 kHz,
Bit Depth	48 kHz, 88.2 kHz, 96 kHz, 176.4 kHz, 192 kHz (até 32-bit)
	• DSD nativo, single e double-speed

Geral

Conexões analógicas	• 3x entradas RCA • 1x saída balanceada XLR • 1x saída RCA • 1x saídas de caixa (banana e spade)
Conexões digitais	• 1x AES / EBU • 2x coaxiais S/PDIF • 2x ótico (TOS-Link) • 1x USB assíncrono

ESPECIFICAÇÕES

Conexões de controle	• 1x RS-232 (conector RJ-12) • 1x entrada de IR (conector jack de 1/8") • 1x entrada e saída trigger DC de 12 V DC (conector jack de 1/8") • 1x entrada Ethernet (conector RJ-45)
Voltagem	100 V AC, 115 V AC ou 230 V AC (ajustada de fábrica)
Consumo	1000 W máximo
Dimensões (L x A x P)	438 x 193 x 507 mm
Peso	32,6 kg

AMPLIFICADOR INTEGRADO MARK LEVINSON N° 585

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	11,0
Total	93,0

[illegible]

AV Group
(12) 2285.0500
R\$ 80.115

ESTADO DA ARTE



TESTE
2
AUDIO



FAÇA O DOWNLOAD DO RELATÓRIO GÊNESIS, DA QED
[HTTP://WWW.QED.CO.UK/THEMES/QEDNEW/PDF/THE_GENESIS_REPORT_2.PDF](http://www.qed.co.uk/themes/qednew/pdf/the_genesis_report_2.pdf)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8UZZ6FCNGS](https://www.youtube.com/watch?v=G8UZZ6FCNGS)

CABO DE INTERCONEXÃO QED SIGNATURE 40



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Interessante como algumas marcas consagradas lá fora demoram a chegar no Brasil e, quando aparecem, se posicionam de forma tímida em nosso mercado. Lembro que no meio da década de noventa, o Moisés de Brasília chegou a fazer algumas importações tímidas de cabos QED, que acabaram não tendo nenhuma continuidade. Naquele momento os cabos da Ecosse fizeram maior sucesso por aqui.

No Reino Unido, a QED é soberana e suas vendas a colocam na liderança de mercado há mais de duas décadas. Em 2013 a QED comemorou seus 40 anos de vida e lançou toda uma nova linha de produtos, começando pela linha Reference 40 e logo em seguida sua linha top a Signature 40. A partir de 2015 a linha Signature 40 começou a ganhar o mercado de assalto, com avaliações muito positivas, e a QED expandiu seus horizontes para fora do velho continente. Como a QED faz parte do mesmo grupo da Q Acoustics e das cápsulas Goldring, a Maison de La Musique acabou pegando

sua distribuição para o Brasil. E eu diria que com essa aquisição, acabou fazendo 'um gol de placa', pois é uma marca de cabos que faltava no nosso mercado.

A QED é líder absoluta no mercado de cabos no Reino Unido por dois motivos: qualidade e preço. Para os que gostam de conhecer a história de marcas consagradas, sugiro a leitura do Relatório Genesis da QED, lançado no final dos anos oitenta e ainda hoje uma referência para todos que desejam compreender cientificamente como se processa a transmissão de sinal através de um cabo. Todos os produtos da QED seguem rigorosamente o Relatório Genesis e, na apresentação de todas as linhas, há uma explicação científica para justificar suas características sônicas e físicas. Diria que o Relatório Genesis é uma ponte segura entre os objetivistas e os subjetivistas, e deveria ser lido com enorme interesse por ambos.

Tudo na minha vida de fuçador de equipamento de áudio se deu escutando um componente e aguçando meu interesse em saber a ►

razão daquele produto tocar 'diferente'. Meu primeiro contato com um cabo de caixa da QED ocorreu em 1980, quando um amigo da família usava em sua caixa JBL Jubal um cabo Furukawa que meu pai lhe havia vendido. Ele, em uma viagem à Inglaterra trouxe um cabo QED modelo 79 na bagagem, por se tratar de um cabo extremamente barato e que o tinha encantado em uma visita a uma loja especializada em Londres. Tão animado ao colocar em seu sistema e notar a melhora da performance das caixas, convidou meu pai para ouvir seu upgrade de apenas algumas dezenas de dólares! Foi uma sonora revelação tanto para o meu pai, como para mim. A notícia se espalhou ao vento e muitos audiófilos, pela primeira vez, perceberam que era notável a troca dos cabos 'de campanha' por um cabo dedicado. E o modelo da QED custava uma fração do Furukawa!

Fazendo uma visita à Maison de La Musique para ouvir as novas caixas Kharma da linha Reference, vi em exposição na vitrine da entrada da loja o Signature 40 e, quando associei que era o cabo que conquistou tantos adeptos mundo a fora nos últimos dois anos, não me fiz de rogado e o coloquei-o debaixo do braço, feliz como uma criança. Visualmente o produto impressiona muito, tanto pelo seu belo acabamento como pela embalagem impecável. A linha Signature 40 veio se posicionar acima da linha Reference 40, seu carro chefe de vendas e prêmios. Onde as concepções e os conhecimentos de quatro décadas foram levados ao extremo para produzir um cabo que estivesse à altura dos melhores cabos hi-end, independente de sua faixa de preço!

Os plugues são os utilizados também na linha Reference 40, de Ródio e batizados com o nome de Analoc. O cobre é livre de oxigênio, banhado a prata, dielétrico de Teflon em uma configuração de par trançado assimétrica e uma jaqueta de Ferrite, Zinco e Magnésio. O cabo é criogenicamente tratado a temperatura de -190 graus.



O fabricante levou doze anos estudando e desenvolvendo protótipos até chegar no resultado final do plugue Analoc. A maioria dos cabos de entrada utilizam plugues usinados em latão e bronze - ambos são metais baratos e que podem ser facilmente trabalhados. Porém o bronze (o mais utilizado atualmente) possui baixa condutividade quando comparado ao cobre puro. Mas, para cabos de entrada (ou que tenham preços de cabos de entrada, como é o caso do Signature 40) o custo se torna inviável. Assim a saída é utilizar o cobre apenas nas seções de contato ou no pino central. Pensando nessa solução, para não inviabilizar o projeto do Signature 40, a QED patenteou a seguinte ideia: a seção de pino é feita de um tubo oco de cobre de elevada pureza e o retorno foi reduzido a apenas duas das seis folhas utilizadas em projetos mais caros. Com isso não houve encarecimento do produto final e nem comprometimento da performance geral do cabo. E, para se ter uma maior conectividade, o plugue Analoc depois de usinado recebe um banho de ródio. O ródio foi escolhido devido a sua dureza superior ao cobre.

Ai fica a pergunta: se em vez de seis contatos do retorno, optou-se por apenas dois, como se mantém o plugue firme? Foi criado um anel que deve ser apertado depois que o cabo estiver totalmente encaixado. Esse novo plugue Analoc vem fazendo tanto sucesso que a QED o disponibiliza para quem deseja adquiri-lo separadamente. Eu, após semanas de convívio, recomendo a todos que fabricam seus próprios cabos que experimentem, pois sua relação custo / performance é incrível, muito superior a dos plugues Nakamichi comumente utilizados na faixa de entrada.

O cabo Signature veio zerado. E, como o fabricante não fala em tempo de amaciamento, e o cabo não tem direcionalidade, marquei a posição que iniciaria a queima e fiz minhas primeiras audições, ligando o Signature entre o toca-discos Air Tight e o pré de phono Tom Evans Groove+. Eu já havia lido o teste de um articulista polonês falando maravilhas da performance desse cabo em seu sistema analógico. Suas descrições das melhorias conquistadas foram tão enfáticas que decidi começar por esse caminho. O setup de cabos do meu sistema analógico de referência é o melhor resultado que consegui até o momento: um Zafira II do toca-discos até o Tom Evans, e um Agata entre o pré de phono e o pré de linha - ambos da Sax Soul.

Eu detesto qualquer tipo de 'turbinação' no meu setup, prefiro tudo o mais flat possível, pois como minha discoteca é formada por milhares de gravações com qualidade técnica muito diversa: não adianta 'turbinar' as gravações tecnicamente ruins e passar do ponto com as boas e excelentes. Então minha busca incessante na escolha dos cabos foi privilegiar o timbre, o equilíbrio tonal e a dinâmica - muito mais que palco, corpo, etc. Mas cada um tem seu gosto, e eu respeito!

Resolvi tirar o Zafira II e colocar o Signature. Achei que pela falta de amaciamento eu teria muitas perdas nessa mudança, mas não foi o que aconteceu. Tive perdas pontuais, como no grau de transparência e micro-dinâmica, mas ganhei em textura, corpo nos médio-graves e nos transientes. Fiquei realmente muito satisfeito com as primeiras impressões, pois não houve nenhuma queda substancial na mudança dos cabos. O Signature 40 é um cabo que possui uma assinatura sônica soberba em termos de equilíbrio tonal, apresentação de texturas, dinâmica, silêncio de fundo e velocidade. É desconcertante escutar um cabo tão refinado, por uma fração do preço de excelentes cabos Estado da Arte!

À medida que os dias foram passando e o cabo foi ganhando amaciamento, mais minha estupefação por ele aumentou! Liguei para todos os amigos músicos que buscam o melhor resultado possível para o ajuste dos seus sistemas e apresentei o Signature 40. Todos ficaram alucinados (principalmente ao saber o preço). Esses meus amigos sempre cobraram: quando finalmente se teria no mercado um cabo Estado da Arte com preço de cabo de entrada? No íntimo, eu também me perguntava: com a evolução tão rápida da eletrônica, das caixas acústicas, dos DACs e cápsulas, e o barateamento desses equipamentos, não tem sentido cabos tops custarem mais do que o sistema todo! Pois, agora, temos a resposta! Um cabo de menos de 1500 reais que é Estado da Arte, que pode perfeitamente se encaixar em qualquer sistema sem fazer feio.

Li dois testes do Signature 40 em que, nas conclusões, ambos os articulistas falam que para ele ser soberbo falta-lhe apenas aquele último degrau de transparência. Concordo com ambos, porém faço o papel do advogado do diabo e pergunto: quantos mil dólares é preciso injetar para termos esse último grau de transparência? Outra questão: precisamos realmente desse grau e transparência, ou escutar nossos discos com um grau de refinamento ímpar e zero de fadiga auditiva já não nos basta?

Claro que cada um de vocês, amigos leitores, terá seu ponto de vista, mas saber que um cabo de tão alta performance pode cair como uma luva em sistemas Ouro, Diamante e Estado da Arte, o coloca em posição privilegiadíssima em relação a qualquer concorrente! Você não acha? Descobrir pérolas de tamanha magnitude exige que se pesquise a fundo toda a linha, e foi essa a atitude que tomei. Agora, enquanto publico o teste do Signature 40 estou ouvindo o cabo top de caixa da QED, o digital Reference 40 e em breve o Reference 40 XLR. Assim que tiver todas as avaliações fechadas, prometo compartilhá-las com vocês.

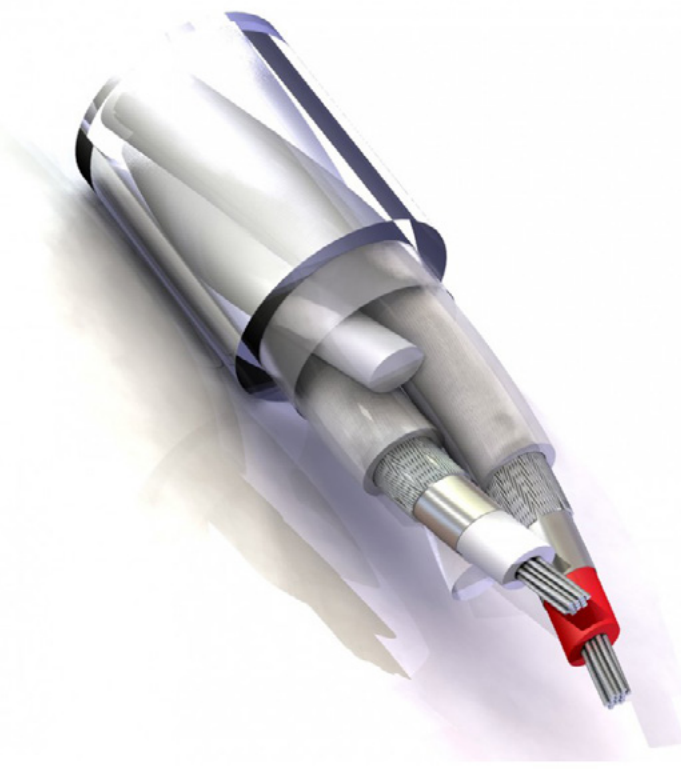
CONCLUSÃO

Muitos leitores que não possuem um sistema Estado da Arte sempre nos questionam qual a maior diferença dele em relação a um sistema Diamante Referência bem ajustado. A maior diferença é a folga

existente em todos os quesitos da nossa metodologia. E essa folga se traduz em zero de fadiga auditiva, e um grau de inteligibilidade e intencionalidade ímpares. Essa é a diferença!

Em termos práticos é quando substituímos um único componente do nosso setup e todo ele cresce homogeneamente. E não de forma pontual! E aí junto com aquele prazer de termos acertado a mão, vem posteriormente a constatação de que não é possível voltar atrás. Todos nós já passamos por esse processo em algum momento da nossa peregrinação pelo ajuste fino do nosso sistema. O Signature 40 faz parte dessa elite de cabos que nos traz todos os benefícios tão desejados e procurados com um enorme diferencial: seu preço. Valor de produto de entrada, performance de Estado da Arte!

O fabricante sutilmente nos diz que esse cabo é para ser comparado com qualquer cabo top do mercado, mas ele nos deixa à vontade para decidir se ele atende às nossas necessidades, ou não. Sonicamente não tenho nenhuma restrição a sua performance, nem no nosso sistema de referência e nem tampouco em nenhum outro sistema que o coloquei. Por qualquer ângulo que avalie suas qualidades sônicas ele nos convence que pode perfeitamente nos permitir tê-lo em nosso sistema e ainda, orgulhosamente, chamar os amigos e mostrar as melhorias que ele trouxe ao sistema. Correto, preciso, musical e de uma compatibilidade com sistemas e outros cabos que é fascinante. Trata-se de mais um paradigma do hi-end



quebrado. E que possibilitará milhares de melômanos e audiófilos- finalmente ajustar seus sistemas gastando um décimo do valor de seus sistemas em cabos!

A maior pechincha audiófila de todos os tempos, em minha modesta opinião! Ele veio para ficar em nosso sistema, exatamente aonde ele foi ligado no primeiro momento: entre o toca disco e o pré de phono. Seu silêncio de fundo e sua correção tímbrica, me convenceram ser a melhor opção para o meu setup de vinil. E seu casamento com o Sax Soul Agata foi esplendido! Como sempre digo: não acreditem em mim, ouçam!

Se você possui um sistema coerente, sinérgico e com enorme potencial, mas o elo fraco são os cabos de interconexão, escute o Signature 40 e depois me diga o que achou! Terei o maior prazer de colecionar depoimentos desse grande cabo em diversos setups distintos.

PONTOS POSITIVOS

Construção, acabamento e performance Estado da Arte com preço de cabo de entrada.

PONTOS NEGATIVOS

Na sua faixa de preço, absolutamente nada.

ESPECIFICAÇÕES

Condutores	cobre livre de oxigênio banhado à prata, dielétrico de Teflon
Construção	assimétrica com par trançado
Blindagem	eletromagnética com zinco, manganês e ferrite
Plugues	Analoc, banhados à Ródio
Tratamento criogênico	-190 graus Celsius
Capacitância	63pF/m
Indutância	0,37uH/m
Resistência Loop	0,072 ohms/1m
Fator de dissipação	0,0011

CABO DE INTERCONEXÃO QED SIGNATURE 40

Equilíbrio Tonal	11,5
Soundstage	11,5
Textura	11,5
Transientes	11,5
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	10,5
Musicalidade	11,5
Total	89,5

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

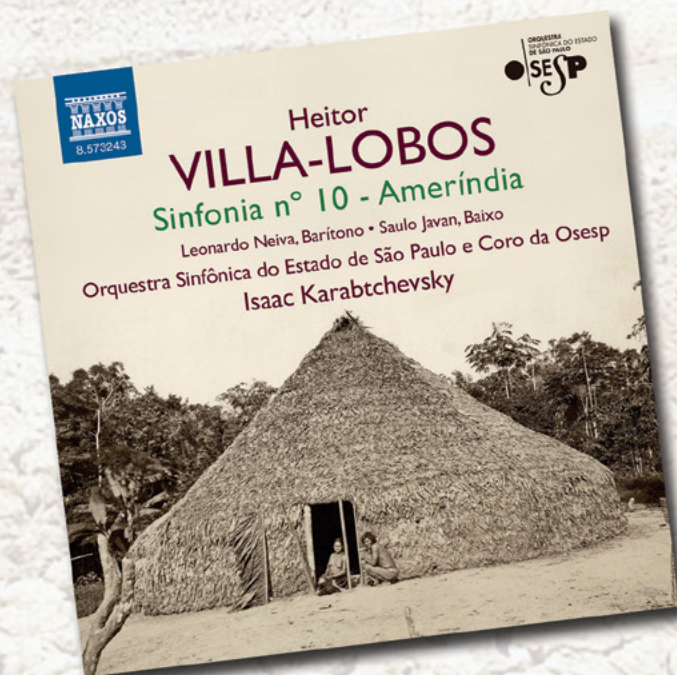
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 1.350 (1 metro / par)

ESTADO
DA ARTE

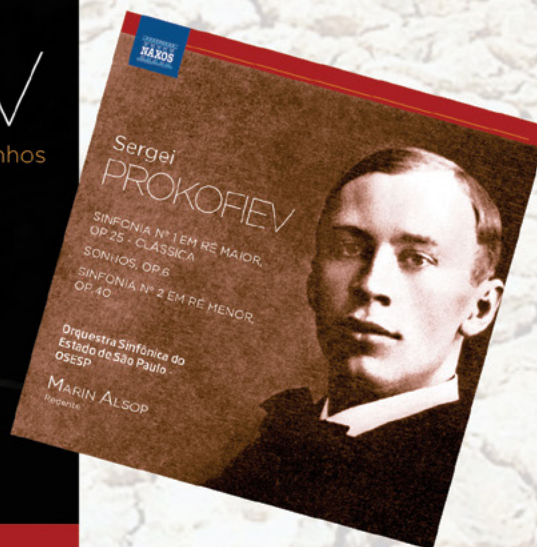


Uma parceria que deu certo: MOVIEPLAY e OSESP

Lançamentos nacionais - NAXOS



Heitor Villa-Lobos: Sinfonia nº 10 - Ameríndia



Prokofiev OSESP: Sinfonias nº 1 - Clássica, nº 2 e Sonhos

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
i "movieplaydigital"
+movieplay digital

(11) 3115-6833

TESTE
3
AUDIO



RECORD-CLAMP TRUMPET PROJETOS

 Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

INTRODUÇÃO

Como especialista - a aficionado - de toca-discos de vinil, eu trato vibrações e ressonâncias com seriedade há muitos anos. Facilmente considero que os toca-discos mais pesados e os pratos mais pesados proporcionam uma qualidade de som superior, por exemplo.

Além disso, cada material tem a sua ressonância: vibra em determinadas frequências. O pessoal que desenvolve toca-discos sabe disso pelo menos desde a virada da década de 1960 para a de 1970, com os super-toca-discos japoneses usando soluções como mistura de vários materiais (cada um com sua frequência de ressonância), todos pesados e inertes, que não vibram em altas-frequências e, portanto, pouco vão interferir ou mesmo poluir as altas-frequências reproduzidas por aquele conjunto de braço e cápsula.

Como o toca-discos é um equipamento especialmente mecânico em sua natureza, sofrendo influência tanto das vibrações geradas internamente (por motor, prato, agulha, braço) quanto das que vem pelo ar e pelo acoplamento dele com prateleiras e racks, o trabalho de querer eliminar totalmente as vibrações e ressonâncias é mais

hercúleo do que parece - é, acredito, quase impossível. Isso me lembra o tratamento de vibrações que fazemos quando usamos spikes debaixo das caixas, racks e prateleiras solidas embaixo de equipamentos, etc: não conseguimos fugir 100% delas, então é realmente um 'tratamento' e não uma eliminação, é 'nem tanto à terra nem tanto ao mar'. O que fazemos é quase sempre usar as vibrações à nosso favor.

Seguindo esse raciocínio, um toca-discos pesado feito de material tendendo ao inerte é o suficiente para amortecer a maior parte das vibrações, tratar as ressonâncias e prover uma reprodução boa? Sim, e não. O fato é que tecnologias usadas em toca-discos audiófilos modernos, como mistura de materiais na base e nos pratos, suspensões rígidas e semi-rígidas que usam técnicas mistas (como molas e óleo, para citar uma), e braços e motores com amortecimento, por exemplo, não são coisas novas, e sim idéias usadas em toca-discos há 40 anos. O que os projetos modernos estão adicionando?

Vejam bem, porque isso é importante: cada material e mistura de materiais, irá soar de maneira diferente, irá prover uma sonoridade ►

diferente e, muitas vezes, uma certa combinação irá prover um detalhamento, uma qualidade melhor, do que outra combinação. Como a natureza - e o mundo pós-fabricado - são ricos em quantidades e qualidades de materiais e existem, claro, muitos outros fatores na feitura de toca-discos de vinil, continuaremos em franca renovação.

Mas, tudo isso nada mais é que um gancho para falar de record-clamps e seus materiais: os record-clamps do amigo Clóvis!

SOBRE A TRUMPET PROJETOS

A Trumpet Projetos é fruto da paixão por música - e seus meios de reprodução - do músico baiano e gente boa Clóvis Tal La Cerda, desde a década de 1970. Sua segunda vocação, então, depois da música, era a de restaurar e consertar coisas: desde instrumentos musicais até microfones e equipamentos de som usados na gravação e reprodução dos mesmos.

Vários anos depois, já morando em São Paulo - ainda músico, melômano e audiófilo de carteirinha - Clóvis resolveu produzir caixas acústicas no Brasil, devido à dificuldade de se adquirir os grandes modelos europeus, tão cobiçados. Nascia assim a Trumpet Projetos formalmente, no ano de 2002, inicialmente fazendo caixas para amigos e culminando, em 2008, em sua participação expondo e demonstrando no Hi-Fi Show 2008, promovido pela Revista no hotel Holiday Inn Anhembi, em São Paulo.

De 2008 para cá, ficou clara a paixão de Clóvis também pelo som analógico, e ele é bastante conhecido no mercado pelos toca-discos artesanais que produz - e utiliza - como o que usa como base a seção de um tronco de árvore! O mais recente projeto dele é o, aqui analisado, record-clamp Trumpet.

Mas ele já avisa: seu próximo trabalho é um toca-discos de projeto 100% brasileiro, com base de alumínio e prato de aço inoxidável. Aguardamos ansiosamente!

SOBRE OS CLAMPS

Os clamps da Trumpet são de uso praticamente universal, servindo na maioria dos toca-discos do mercado, tanto novos quanto

vintage - exceto alguns que possuem o pino central do prato travado, como vários Garrard e Dual antigos, e algum que tiver o pino central excessivamente alto. Mas, não se preocupem, em geral sua compatibilidade é alta.

No mercado é possível encontrar dois tipos de clamp: o parafusável que faz pressão sobre o disco travando-o, e o que é simplesmente um peso encaixado sobre o pino do prato. O Trumpet é do tipo de travamento, mas que também tem um peso considerável, quase chegando a ser um tipo misto.

A função primordial do clamp é a de forçar o acoplamento do disco sobre o prato. Veja, o disco que não está forçosamente encostado ao prato e travado, sofre de micro-vibrações expúrias que prejudicam a qualidade de som. Além disso, o disco tem a tendência a mexer-se ligeiramente sobre um prato em movimento - são movimentos imperceptíveis à olho nu, mas que alteram a qualidade do conteúdo musical captado pelo conjunto cápsula e braço. Lembrem-se: Deus está sempre nos detalhes! E ambos problemas vibracionais do LP sobre o prato são minimizados enormemente com o uso de um clamp.

Mas, ainda existem outras questões. O prato, com o LP em cima, tem dois pontos focais de ressonância: o pino central, com seu movimento mecânico, e a borda do disco. Para a borda já existem produtos no mercado, chamados de outer-rings. Já para o pino central do prato, qualquer que seja o material que você 'grudar' nele, mudará sua ressonância, dissipará mais ou menos vibração, etc. Aí é que entra o material do qual é feito o clamp, sua densidade e seu peso, esses influenciando o caráter sonoro resultante.

Por isso que o record-clamp da Trumpet Projetos vem em dois modelos, dois tipos de material, diferentes: madeira nobre (peroba) ou alumínio tipo 6351-T6 - uma liga de alumínio de alta resistência mecânica e dureza. A parte debaixo de ambos, que faz pressão sobre o disco quando parafusada, é de plástico ABS com borracha na borda - para não machucar o selo do LP e para dar melhor acoplamento - e tem um formato cônico para que o contato mecânico da mesma com o pino do prato se dê de forma mais harmoniosa, além de ser uma forma que promove a dissipação de vibrações para cima, ou seja, em direção ao peso do clamp. A bucha e a trava usadas são feitas de latão, e o receptáculo da rosca é de alumínio. Os clamps também acompanham um espaçador perfurado de feltro para ser usado por baixo de LPs empenados, sobre os quais o clamp fará então mais pressão, diminuindo o empenamento durante a audição.

O peso do clamp de peroba é de 216 gramas, e o modelo de alumínio pesa 294 gramas - diferença de peso obviamente por causa da densidade dos diferentes materiais. Alguns podem se preocupar se a adição desse peso não estaria forçando o rolamento do prato ou no motor, ou influenciando a velocidade de rotação. Experiência minha diz que tanto o rolamento quanto o dito motor foram projetados com enormes tolerâncias na maioria esmagadora dos



toca-discos bons do mercado, e quanto à rotação, a adição de peso próximo o eixo do prato não chega a exercer tamanha influência a ponto de alterar a rotação.

SISTEMA

Durante todos os testes foram usados vários toca-discos de vinil como o Thorens TD-145 MkII com cápsula Ortofon 2M Bronze, o Technics SP-10 (Direct-Drive) com braço Linn Basik e cápsula Ortofon 2M Bronze, e o Dr Feickert Blackbird com dois braços: Jelco de 12 polegadas com cápsula Dynavector XX2 MkII, e SME Series V com cápsula Benz LP. Todos os toca-discos foram reproduzidos com o pré de fono Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition. O amplificador usado foi o integrado Sunrise Lab V8 MkIII, com as caixas bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II "BySunriseLab". Os cabos de força e interconexão foram Sunrise Lab Reference II, assim como cabos de força Transparent PowerLink MM2 e MM2x, além dos cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

A impressão mais latente do som com o uso do clamp - independente se é de madeira ou de metal - é que o silêncio de fundo melhora absurdamente. Parte disso é pela melhora do silêncio mecânico do disco e prato, e grande parte pelo tratamento que o clamp faz das vibrações. E isso traz um detalhamento muito superior, com corpo mais correto e enxuto, melhores texturas, decaimentos, micro-dinâmica superior e melhor percepção de detalhes.

O clamp de Madeira privilegia o detalhamento de graves e médios-graves, melhorando bastante o corpo dos médios-graves e das vozes, e suas texturas, porém secando ligeiramente os agudos. O palco aqui ficou fenomenal em matéria de camadas, mas com grupos acústicos e vozes femininas ficou mais intimista, menos profundo. O clamp de Madeira é mais indicado para LPs mais comprimidos, com graves mais secos, como os discos de música pop e rock da década de 1980. É também mais indicado para sistemas com som mais analítico, mais seco, com conjuntos de toca-discos e cápsulas que privilegiam graves secos e agudos mais abertos.

O clamp de Metal privilegia os detalhes de médios-agudos e agudos, melhorando o corpo de instrumentos mais agudos, como metais, notas altas do piano, guitarra, gaita. Este, por sua vez, tem uma leve tendência a secar os graves, tornando seu corpo harmônico menor caso o sistema não tenha folga nesse quesito. O palco com o clamp de metal ficou intensamente profundo e com enorme ambiência, onde ouve-se cada detalhe da acústica do local onde a gravação foi feita. Maravilhosamente indicado para discos com excelente grave e corpo harmônico, discos com sonoridade cheia e bem analógica, como gravações de jazz da era de ouro (Blue Note, Verve, Pablo, etc) das décadas de 50 e 60, assim como algumas gravações audiófilas em 180 e 200g, dos últimos anos. Indicado para sistemas, e conjuntos de toca-discos e cápsula, onde a



sonoridade tende para uma grande folga de graves e o som bem quente e intimista, trazendo um nível de foco e detalhamento enorme.

CONCLUSÃO

Cada um dos dois - Madeira ou Metal - é uma excelente opção de clamp bem feito, bem acabado, que cumpre seu papel e tem um preço excelente. Quem curte muito seu analógico e adquire um clamp, nunca mais vive sem ele!

Alguns sistemas e gostos musicais privilegiarão o uso do de Madeira, outros o uso do de Metal. E muitos de nós gostaríamos de alternar o uso entre um e outro, dependendo da gravação e do gosto pessoal. ■

PONTOS POSITIVOS

Acessório eficaz, barato, bem acabado e viciante.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum.

Trumpet Projetos

trumpetprojetos@yahoo.com.br

(11) 94076.1601

(Alumínio - Preto ou Champagne) - R\$ 338

(Madeira - Peroba) - R\$ 386

**ESTADO
DA ARTE**



TESTE
1
VIDEO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MHWLQOJYNFS](https://www.youtube.com/watch?v=MHWLQOJYNFS)

TV SAMSUNG SUHD 88KS9800



Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A linha KS9800 da Samsung é o mais recente lançamento da empresa em 2016 e atende à certificação “Ultra HD Premium” da UHD Alliance, associação formada pelos principais fabricantes de TVs, estúdios de cinema e produtores de conteúdo. Este modelo possui um painel LCD / LED Ultra HD 4k com 10-bit capaz de reproduzir aproximadamente 1 bilhão de cores, contra 16,7 milhões de cores das TVs comuns 8-bit. Uma de suas inovações são os pontos quânticos, ou Quantum Dots, evolução da tecnologia de nanocristais que segundo o fabricante oferece cores mais puras e realistas. Para obter a certificação UHD Premium, a TV precisa oferecer, entre outras características, maior espaço de cores (gamut) cobrindo no mínimo 90% do DCI-P3, espaço de cores do cinema digital. A KS9800 ultrapassou esta marca, cobrindo 96% do DCI-P3. Além disso, oferece suporte a HDR (high dynamic range), faixa de brilho estendida que resulta em maior contraste. Também possui tela curva, processamento quad-core e plataforma Tizen para navegação em seu conteúdo Smart, controle remoto com novo design minimalista e sistema de conexões One Connect.

Design, Conexões e Controle

Sua tela possui moldura muito fina e bonita. Acompanha uma base removível para instalação sobre um móvel e opcionalmente permite instalação em paredes. A KS9800 utiliza iluminação direta por LEDs distribuídos ao longo de todo o painel (full array backlight), recurso utilizado somente em algumas TVs topo de linha. Todas as conexões são feitas através do One Connect Box, que se conecta à TV através de um único cabo umbilical. O One Connect oferece 4 entradas HDMI 2.0, 3 portas USB, conexão Ethernet RJ45, 1 entrada para cabo RF, 1 saída de áudio analógica, 1 saída de áudio digital (óptica) e 1 porta RS232. A TV também possui conexão por wi-fi embutida. O controle Smart Remote possui poucos botões, é bem simples de operar e pode controlar a TV por voz.

Recursos

O HDR (high dynamic range) possui picos de brilho mais acentuados que a linha anterior KS9500. Associado ao Peak Illuminator Ultimate, a luminosidade desta TV ultrapassa 1.000 nits. Para ►



fazermos uma comparação, TVs normais dificilmente superam 300 nits. A função Peak Illuminator analisa as partes escuras da imagem e fornece mais brilhos às partes claras, aumentando a taxa de contraste e a faixa dinâmica. A fonte de luz por LEDs distribuída no dorso do painel possui um recurso de local dimming que divide a tela em zonas distintas de dimerização de luz, garantindo um nível de preto muito melhor que as TVs com iluminação somente nas bordas (edge-lit). As TVs LCD / LED não conseguem atingir o nível de “preto absoluto” das TVs OLED, mas a KS9800 se aproxima bastante.

A função Auto Depth Enhancer foi melhorada e agora analisa os objetos da imagem e aumenta a sensação de profundidade. A versão anterior utilizava uma metodologia por zonas, que não era tão eficiente. O sistema Tizen de navegação para o conteúdo Smart teve melhorias para os modelos 2016, oferecendo mais aplicativos, design atualizado e navegação mais fácil. Utilizando pequenas abas que se sobrepõem à imagem atual, permite fácil navegação entre aplicativos como Netflix, Youtube, etc.

Áudio

A KS9800 possui falantes em sua parte inferior com um total de 70 W. Para uso diário, a qualidade é bem satisfatória. Imagino que

os compradores desta TV possuam um bom sistema de áudio ou, no mínimo, um soundbar para poder desfrutar melhor seus filmes e shows.

Qualidade de Imagem

O backlight é bastante uniforme, e não notamos nenhum vazamento excessivo de luz, principalmente nos cantos, desde que a função Smart Led esteja corretamente ajustada.

Após a calibração da TV, assistimos diversos trechos em formatos variados. As cores e detalhamento são excelentes, fazendo jus a um produto de ponta. Mas o que realmente nos surpreendeu foram as mídias masterizadas em 4k e HDR. Ainda não há um padrão totalmente definido para o HDR, pois os estúdios estão masterizando os filmes com intensidades luminosas diferentes. Mas a tecnologia promete muito. Cenas com picos luminosos como faróis de carros ou reflexo do Sol no mar são simplesmente espetaculares.

Vimos alguns trechos da minissérie “Ligações Perigosas” gravados em HDR pela Rede Globo e ficamos literalmente de queixo caído. Para quem procura uma tela grande para ambientes amplos e deseja uma tecnologia inovadora com excelente imagem, recomendamos conhecerem a KS9800. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas – 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4k HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Samsung UBD-K8500
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital

ANÁLISE GERAL

Descrição	Pontos
Design	10
Acabamento	10
Características de Instalação	10
Controle Remoto	10
Recursos	11
Automação e Conectividade	09
Qualidade de Imagem em SD	10
Qualidade de Imagem em HD	12
Nível de Ruído	10
Consumo e Aquecimento	10
Total	102

Samsung
www.samsung.com.br
Preço sugerido: R\$ 99.000

**ESTADO
DA ARTE**



PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

TESTE OBJETIVO DE CALIBRAÇÃO DE IMAGEM

Jean Rothman

A TV Samsung UN88KS9800 possui 4 padrões de imagem pré-definidos, para os quais obtivemos as seguintes temperaturas de cor em nossas medições iniciais:

- Modo “Dinâmico”: 11.164K
- Modo “Standard”: 11.052K
- Modo “Natural”: 11.746K
- Modo “Movie”: 6.568K

O modo “Dinâmico” tem um brilho excessivo e tonalidade extremamente azulada. É um padrão utilizado nas lojas para demonstração de TVs e não deve ser utilizado em ambiente doméstico, pois causa enorme fadiga visual e suprime os detalhes das altas luzes. Tonalidade semelhante foi obtida nos modos “Standard” e “Natural”.

O modo “Movie” esteve bem próximo de D65 (6.500 Kelvin), temperatura de cor adotada como padrão em reprodução de vídeo. Foi o modo adotado em nossas medições fazendo a calibração para 6.500K.

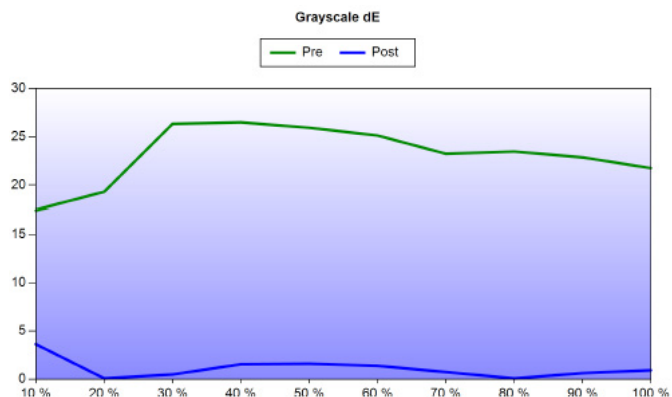
O controle “backlight” foi ajustado para uma luminosidade de 35fL (Foot Lambert, unidade de luminância) em ambiente escuro.

Nas medições pré-calibração, o dE médio foi 23,2 e o maior dE individual de 26,5 (Delta E é uma expressão que indica quão próximo do branco ideal D65 o resultado se encontra. Abaixo de 3 é considerado visualmente indistinguível do resultado ideal). Após a calibração obtivemos um dE médio de 1,1, excelente resultado demonstrando ótima linearidade na escala de tons de cinza.

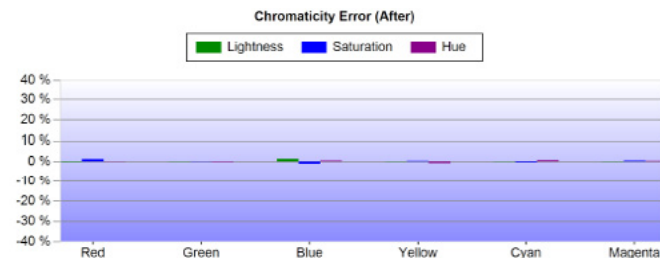
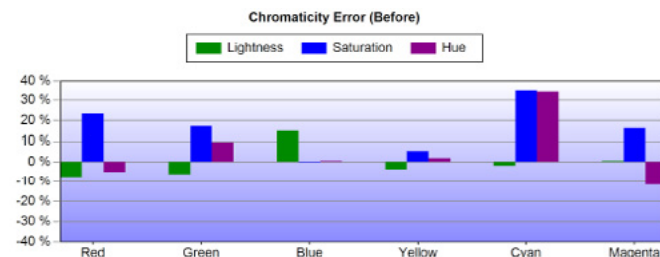
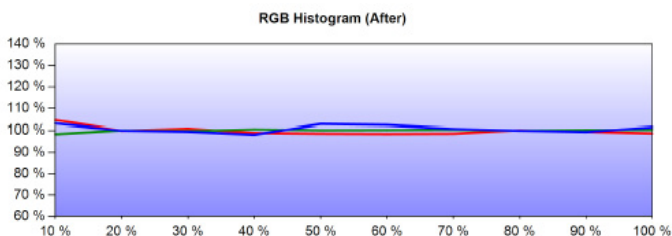
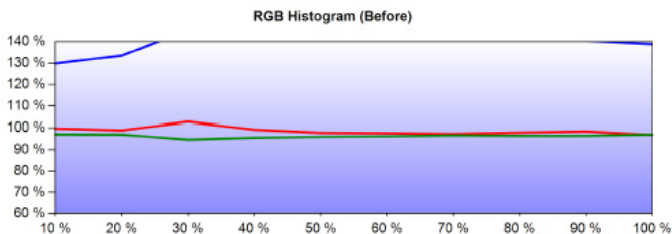
As cores apresentaram extrema saturação de azul (B). Esta diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 8,7 e após a calibração obtivemos dE 1,5, excelente resultado cromático.

A curva de Gamma inicial estava péssima, com valor médio de 1,58. Isto se traduz em uma imagem lavada, com baixo contraste e sem percepção de detalhes. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,38 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e excelente linearidade, conforme comprova o gráfico abaixo.

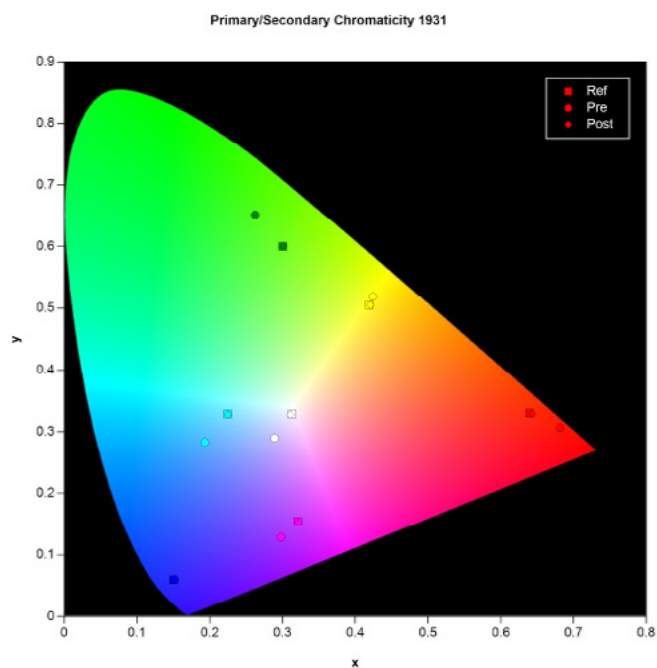
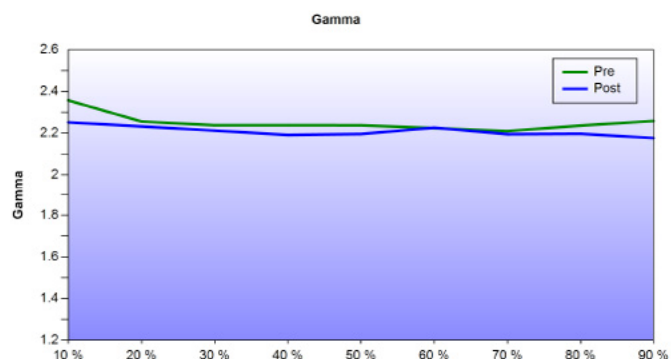
O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando boa linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações, conforme mostra o quadro de espaço cromático (CIE BT.709) acima. A imagem desta TV é espetacular e a coloca como a nova referência em nossos testes.



As cores apresentaram extrema saturação de azul (B). Esta diferença foi corrigida na calibração utilizando os controles avançados de cores da TV. O dE médio inicial foi de 8,1 e após a calibração obtivemos dE 0,4, excelente resultado cromático.



A curva de Gamma inicial estava muito boa, com valor médio de 2,25. Fizemos alguns ajustes utilizando o menu com ajuste em 10 etapas buscando valores próximos a 2,22. As medições pós-calibração apresentaram Gamma médio de 2,21 com valores muito bons em todos os níveis de estímulo (10% a 90%) e ótima linearidade.



A taxa de contraste medida foi de 11.854:1, valor excelente para aparelhos LCD / LED.

O resultado cromático pós-calibração foi excelente, apresentando excelente linearidade das cores primárias e secundárias em toda a escala de saturações, conforme mostra o quadro de espaço cromático (CIE BT.709) acima.

A imagem desta TV é impressionante, destronando o modelo KS9500 de 2015 como melhor TV LCD / LED que já testamos. ■



Genética ou Coincidência?



Meu filho, com 1 ano e 2 meses querendo entrar na sala de trabalho do pai.

► Fernando Andrette

Comecei a me interessar por equipamentos de áudio por volta dos 7 aos 8 anos. A princípio, ficava espreitando meu pai por de trás da porta, sentado no corredor, tentando entender o que ele ouvia.

Eu já reconhecia vários instrumentos e para mim era muito fácil memorizar uma melodia, ou uma passagem musical.

Acho que foi exatamente desta maneira que chamei a atenção do meu pai, pois ele observava que, mesmo quando eu estava absorto em minhas brincadeiras infantis, eu vivia cantarolando músicas que ele ouvia constantemente.

A partir de então, seus convites para acompanhá-lo em suas andanças pelos seus clientes e amigos se tornaram frequentes.

Eu o acompanhava com o maior orgulho. Adorava segurar em sua mão firme, mas ao mesmo tempo delicada, para atravessar a rua e, mais ainda, quando ele se agachava para ajeitar o colarinho de minha blusa e me fitava dizendo: lembre-se de tudo que eu falei, comporte-se!

Então ele passava carinhosamente sua mão pelo meu rosto e entrávamos.

Quando eu já estava para completar 9 anos, meu pai pediu pela primeira vez minha opinião a respeito de duas cápsulas, que ele estava em dúvida sobre qual comprar.

Primeiramente eu fiquei tímido e indeciso. Tinha medo de falar alguma besteira!

Mas meu pai foi bastante paciente e conseguiu arrancar minha opinião. Eu não só lhe disse de qual mais gostei, mas ainda por cima lhe passei minhas observações. Nunca vou esquecer o seu semblante naquele dia, ele se irradiou e esboçou um sorriso muito sutil.

A partir daquele dia me tornei ajudante.

Com a mesada que eu ganhava, comecei a comprar meus próprios discos e ganhei o direito de escutá-los em sua aparelhagem.

Era simplesmente fantástico, o cheiro do LP, folhear a capa, buscar as informações contidas no encarte e ouvir, silenciosamente, cada faixa pela primeira vez. ►►

Desde que meu filho nasceu, percebi que ele também tem um enorme interesse pela música, possui a mesma facilidade em memorizar trechos musicais e melodias inteiras e, há pelo menos dois anos, vive me escutando e observando meu trabalho pelos cantos.

Outro dia ele estava ouvindo música no sistema da sala de vídeo e eu pedi licença para trocar as caixas por uma que eu precisava testar. Nestes anos, todas as vezes que isso ocorreu, ele se levantou e foi brincar. Porém, desta vez ele ficou acompanhando o teste atentamente.

Fiquei na minha. Depois de quase uma hora de teste, agradei a ele e perguntei se devia voltar à caixa anterior. Ele balançou a cabeça que sim com tal segurança, que eu tomei coragem e perguntei o que ele tinha achado da caixa.

Ao contrário de mim – que custei a dizer ao meu pai o que achava – ele foi direto ao ponto.

“Pai, esta caixa, apesar de ter o dobro de tamanho da outra (uma era bookshelf e a outra coluna), não é melhor. Pois, enquanto com a pequena eu entendo tudo e não preciso levantar a voz para falar com você, com a grande eu preciso falar muito mais alto”.

Como eu dei corda, ele continuou: “a vassoura na bateria (estava ouvindo o DVD da Diana Krall-Live In Paris) na caixa pequena é fácil acompanhar, já na grande, fica tudo embaralhado”.

Eu sinceramente não sei dizer se meu rosto estampou um sorriso sutil ou ficou com ar de perplexidade.

Quando estava ligando as caixas anteriores ao sistema, ele ainda me disse: “pai, eu vou dar continuidade ao seu trabalho, pois eu também gosto muito de música”

À noite, antes de dormir, fiquei pensando nas inúmeras coincidências entre eu e ele. Eu também tinha 8 para 9 anos quando comecei a me interessar pelo trabalho do meu pai.

Tinha a mesma facilidade em observar atentamente e silenciosamente e desde cedo sempre tive um gosto musical muito eclético e diversificado.

Olhando para o meu filho eu faço uma longa viagem de volta no tempo e constato que a paixão pela música na família Andrette já atravessou quatro gerações e não dá sinais de que irá acabar.

E se a vida conspirar a favor, espero ainda conviver com meus netos e descobrir até que geração a música irá nos acompanhar. ■



Amplificador Integrado
Sunrise Lab V8 MkIII

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

**Nobreak UPSAI,
seu entretenimento
nunca para.**



criação: msvedesign@hotmail.com

Imagens Ilustrativas



*Nobreaks para equipamentos de
áudio, vídeo e informática.*

*Módulo de Bateria Externo para
maior autonomia.*

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

UPSAI
sistemas de energia